

Primeiro periodo da vida de Antonio Vieira

O RELIGIOSO

1608-1640

*Aos 28 de 641 chegámos a Peniche onde qulseram matar ao Marechal. Aos 29 de 641 me quizeram matar e me prenderam; e parti para Lisboa aos 30 de 641; cheguei a Lisboa e vi a Sua Magestade*¹. Nestes termos algo enigmaticos Antonio Vieira notou as peripecias do seu regresso á patria, de onde saíra com menos de sete annos de idade, e aonde tornava aos trinta e tres. Acontecimentos fatidicos foram esses. Escapara á morte de que o ameaçava o populacho em furia, e logo após isso o via o Rei. Estava fixado o seu destino, e lhe patenteava uma carreira, sem duvida de muito superior brilho ao da que lhe podia ter ambicionado a familia, quando aos quinze annos lhe contrariou o proposito de se alistar na Companhia de Jesus.

Antonio Vieira nascera em Lisboa, de gente pouco abastada, em modesta casa da Rua dos Conegos, na vizinhança da Sé, aos 6 de fevereiro de 1608. Seu pai, Christovam Vieira Ravasco, era alemtejano, de Moura; sua mãe, Maria de Azevedo, natural de Lisboa. As pretensões á estirpe nobre que o Padre André de Barros seu biographo lhe concede, por elle proprio enunciadas, não parece que tenham fundamento. O avô e o pai de Vieira tinham sido — consta de informações do Santo Officio — criados dos Condes de Unhão; e, tomando a palavra no sentido menos peorativo para não tratarmos a um e outro de famulos, dependentes d'esses fidalgos, e com certeza assalariados. *Fidalgo da Casa de Sua Magestade*, como diz André de Barros², pode-se affirmar não era Christovam Ravasco. *Meu Moço da Camara* lhe chama o decreto que o nomeia Escrivão dos aggravos e appellações civeis da Relação da Bahia, o que é differente³; e esta mesma designação falta em um decreto, dois annos anterior, referente a outro emprego. Esse teve por mãe uma mulata, serviçal na Casa dos Condes, de onde com o galan, avô de Vieira, foi despedida, por não lhes levarem a bem os amores, que o casamento em seguida consagrou. Não custa a crer tivesse sido a bisavó negra de Africa, trazida por escrava a Portugal.

¹ *Vida do Padre Antonio Vieira*, pelo P. André de Barros. Lisboa 1858, pag. 12.

² *Vida*, pag. 2.

³ Archivo Nacional, Chancellaria de D. Filipe II, Livro 23, folio 92 v.

Antonio Vieira ignorava, se é que não occultava, essa ascendencia, e rejeitava a dos Vieiras, gente boa de Moura, para reivindicar a dos Ravascos, familia de mais nobreza, tambem de lá. Fosse o que fosse — e o mesmo nota outro biographo, o Bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo ¹ — ninguém lembraria agora os Vieiras nem os Ravascos de Moura, se na historia portugueza do seculo em que viveu o jesuita afamado não rutilasse o seu nome. Do lado materno sabe-se que a mulher de Christovam Ravasco era filha de um Braz Fernandes, que foi armeiro da Casa Real, obtendo por isso carta de lembrança de um officio de justiça ou fazenda para o homem com quem casasse, em virtude da qual occorreu a nomeação para a Bahia, quando foi instituida a Relação ². Houve quem attribuisse ao Padre a gafa de sangue hebraico, mas nunca tal se apurou. A Inquisição, quando o teve á sua conta, decidiu proceder com elle como pessoa de cujo sangue ao certo se não sabia.

Antes de casar, Christovam Ravasco servira nas armadas e fôra dois annos Escrivão das devassas dos pecados publicos da cidade de Lisboa ³. Em 1609 partia para o Brasil a exercitar na Relação o cargo que pelo casamento grangeara, voltando com licença ao Reino em 1612. A mulher e o filho ainda unico viviam então na freguesia dos Martyres, perto das casas do Conde de Villa Franca, que um processo celebre da Inquisição havia de tornar conhecido aos posteros, mais curiosos de vicios que da humana virtude. Foram todos para a Bahia em 1614. Tinha Antonio Vieira nessa epoca seis annos.

A cidade era, como diziam, a côrte do Brasil. A assistencia do Governador, do Bispo e Cabido, do Ouvidor e juizes principaes do Estado autorizava a denominação. No povoado e seu termo, que abrangia umas doze freguesias, havia cerca de 3.000 vizinhos portugêses, 8.000 índios e 3 a 4.000 escravos africanos ⁴. Em 1583 trinta e seis engenhos de assucar faziam a riqueza da colonia; é de crer que nos trinta annos decorridos accrescentassem o numero alguns mais.

O Collegio dos jesuitas era o principal se não unico foco da vida intellectual no Estado. Ali recebeu Antonio Vieira, chegada a idade propria, a primeira instrucção. Além da escola de primeiras letras para a infancia, e do ensino theologico para os alumnos já recebidos na Ordem, havia as classes preparatorias de artes e humanidades para os externos. Entre estes elegiam os padres os que por vocação, talento, fortuna, ou posição social julgavam acquisição valiosa; incutiam-lhes o amor da roupeta e a aspiração de algum dia a revestirem; captavam-lhes a vontade com os affagos; perturbavam-lhes a juvenil consciencia com as nevoas do mysticismo. Um dia vinha o proselyto, muitas vezes a occultas e contra as previsões da familia, bater-lhes á portaria. Foi o que succedeu com Antonio Vieira, que uma noite se evadiu de casa, para o Collegio, onde de braços abertos o recebeu o Reitor Padre Fernão Cardim; caso trivial, das tradições da Companhia, e dos que em todos os tempos teem levantado iras contra ella. Foi isto aos 5 de maio de 1623; tinha Vieira então quinze annos. No dia seguinte encetou o noviciado.

¹ Obras, T. 2.º, pag. 178.

² Arch. Nac. Livro da Chancel., cit.

³ Arch. Nac. Chancel. de D. Filipe II, Liv. 16.º f.º 209, v.

⁴ Cf. Missão do Padre Fernão Cardim; na *Chorographia historica*, de Mello Moraes, Rio de Janeiro 1860. T. 4.º, pag. 429.

Era o novo jesuita para o escrínio da Sociedade gemma de alto preço, pelo que a sua intelligencia promettia. Iam agora mãos peritas, como nenhuma outra, dar-lhe o ultimo brilho, converte-la em joia resplendente, de que um dia se ufassem. Tinha concluido os estudos preparatorios, grammatica e rhetorica, lastro indispensavel para os de maior tomo, que mais tarde havia de principiar. Por emquanto suspendia-se a educação litteraria, a fim de no espaço de dois annos, que durava o noviciado, se fazer a educação da vontade, preparal-a para as supremas renunciias expressas nos tres votos de obediencia, pobreza e castidade. Sobretudo da obediencia qual a conhecida phrase dos Estatutos a impõe: *perinde ac si cadaver essent*, como se cadaveres fossem.

Para melhor subtrair o adolescente ás instancias da familia, que lhe combatia a vocação, transferiram-no os padres para a aldeia do Espirito Santo, a sete leguas da cidade, onde tinham um povoado de indios que doutrinavam. Ahi se deparava a Vieira a obra dos jesuitas na sua feição mais grandiosa. Levar aos confins do mundo policiado a civilização christã; defender o aborigene, inerme ante os recursos do homem branco, das violencias com que este o escravizava, devassar paramos intransitados, lançar nelles o primitivo alicerce de futuras cidades e nações; que mais nobre tarefa poderá emprenher uma alma forte e capaz de acções generosas?

Este primeiro estadio da vida de noviço deixou nelle impressão profunda e que jámais se havia de apagar. Pareceu-lhe a catechese a digna occupação de quem como ellê se sentia abrasado do amor divino e da sêde de sacrificio. Trazer tantas almas perdidas, por errantes, ao refugio onde a salvação as aguardava; instilar nos broncos intellectos, só abertos ás representações da mais grosseira materialidade, um atomo de idealismo; trocar para essas creaturas as violencias da vida selvagem pelo carinho dos missionarios que como pais os dirigiam, ensinavam e soccorriam; nada podia ser mais louvavel perante os homens, nem mais agradavel a Deus sobre a terra. D'ahi data o seu empenho de consagrar a existencia ao trabalho das missões, o qual tantas vezes manifestou, e só em quadra adiantada da sua carreira de religioso, e por tempo relativamente curto, conseguiu realizar.

Na aldeia do Espirito Santo, nestes primeiros dias de encanto mystico, que eram o noivado do seu espirito com a vida devota, vendo os padres na tarefa, sentiu-se tocado da vocação. Tudo ali concorria a impressiona-lo vivamente: a novidade da existencia, o espectáculo da natureza que lhe offereciam as selvas ambientes, a rudeza innocente dos indios, medrosos ainda, no deslumbamento da sua civilização incipiente, a satisfação intima dos padres, enfim a serena coragem com que estes na hora propria iriam de peito descoberto affrontar o impeto feroz do gentio barbaro nas povoações hostis. Desde então começou a ensaiar na empresa as suas faculdades. Se as obrigações do noviciado lhe não permittiam dar-se exclusivamente a esse appetecido trabalho, foi aprendendo as linguas dos Indios e a de Angola, e em todas chegou a ser peritô. Muitos annos depois, no Amazonas, era seu prazer vivo colar o ouvido á bôca do indio, recolher os mal articulados sons, e arrancar-lhe o segredo da rude linguagem, com o affan do sabio que explora ignotas terras ou busca mundos novos na profundeza do céu mysterioso¹. Aspero labor ainda agora que a sciencia resolve em fios tenues a complicada estriga

¹ Cf. Sermão do Espirito Santo, *Sermões*, T. 5.º Lisboa 1855, pag. 337.

do falar, e fixa cada modulação em seu dominio proprio no apparelho da voz.

O estudo das linguas, em que tinham de se dirigir aos barbaros, conversos e por converter, era especial tarefa dos noviços. O tupi-guarany, que chamavam a lingua geral do Brasil, e de que o grande Anchieta fizera a primeira grammatica, usava-se communmente, como o latim, nas casas dos jesuitas. Falando d'esse tempo dizia Vieira que a nativa lingua portuguesa não era entre elles mais geral que a brasilica ¹.

Ao cabo de algum tempo pôde o noviço voltar á cidade. A familia resignava-se ao que não pudera evitar, e para isso contribuiu sem duvida a intervenção do Reitor Fernão Cardim, muito da casa, e interessado em desfazer a má impressão do acto em que, pela participação inevitavel, lhe cabia a mácula, perante os paes de Vieira, de haver faltado ás leis da amizade. Pode-se todavia crer que, mesmo sem a interferencia do familiar da casa na resolução da fuga, não procederia de outro modo o adolescente. Na verdade poucos, entre os alumnos dos jesuitas, que estes tentavam trazer para si, escapavam á fascinação. Menos ainda em terra onde realçava o prestigio do habito a fama do saber e virtudes, o favor das auctoridades e da Corôa. Na Bahia, a par da soltura de costumes, achaque usual nas colonias, reinava mui vivaz o sentimento religioso, obscurecido instantes na licença, logo affirmado em manifestações exteriores, algumas das quaes, então vulgares, teriamos agora por desrazoadas. Não raro nas solemnidades da Igreja se intercalavam actos de penitencia com ceremonias que revelavam a distante origem pagã. Aos templos iam grupos que faziam bailados, açoutando-se ao mesmo tempo rijamente com disciplinas os principaes dançadores ². Os jesuitas exageravam o theatral do culto catholico introduzindo nas suas festas cortejos que eram verdadeiras representações. Já se não exhibiam mysterios e farças no recinto da igreja, mas saíam em procissão as figuras, e fazia-se ás portas o trabalho dos actores. Os estudantes do Collegio tinham a seu cargo a festividade das Onze mil virgens. Era costume ir na procissão um carro em forma de não, e nella rapazes que figuravam Santa Ursula e companheiras de sua sorte. Havia no transito discursos, recitações de poemas, e tiros de arcabuz disparados do barco. A' tarde simulava-se o martyrio da santa, e o enterro que os anjos vinham fazer. Ao espectáculo acudia o povo em multidão, e o concurso era motivo para se realizarem actos de penitencia e devoção em grande numero.

Não admira impressionarem-se com isto as imaginações juvenis. Não menos com a vista das preciosidades sacras de que havia abundancia no Collegio: cabeças de tres das Onze mil virgens, fragmentos do Santo Lenho, reliquias de S. Christovam, e muitas mais; tantas que foi preciso fazer para todas em uma capella accommodação composta de dezasseis armarios ³; e não era a de menor valor o corpo do veneravel José de Anchieta, apontado desde

¹ *Sermões*, T. 9.º, Lisboa 1856, pag. 240.

² Como exemplo o que refere o Padre Fernão Cardim: «Sexta-feira santa ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram á nossa igreja, traziam uma veronica de Christo mui devota, em panno de linho pintado, dous d'elles que a tinham e juntamente com outros dous que se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. Como a dança se fazia ao som dos crueis açoutes, mostrando a veronica ensanguentada, não havia quem contivesse as lagrimas com tal espectáculo, pelo que foi notavel a devoção que houve na gente». *Chorogr. Hist.* cit. T. 4.º pag. 435.

³ *Ibid.* pag. 536.

a sua morte para a canonização. Os estudantes assistiam diariamente á missa e mais actos do culto, participavam nelles como acolytos, confessavam-se e recebiam amiúde a communhão; é o estylo dos estabelecimentos de ensino a cargo de religiosos. Haveria tambem para elles os *Exercícios Espirituaes* de tres dias, frequentes nos internatos dos jesuitas, assim como composição escripta sobre qual será a mais conveniente carreira, a de religioso ou a vida no seculo, sob o ponto de vista da salvação¹. O terror do inferno de que se impregnavam os animos infantis devia ter effeito decisivo na solução do problema. E' nitido o testemunho de Vieira, escripto de sua mão. «Aos 11 de março de 1623, ouvindo uma historia do inferno em uma prégação da tarde do Padre Manoel do Couto, me deu Deus a primeira inspiração efficaz de entrar religioso»². O mesmo com outros succederia.

Nas solemnidades distribuiam-lhes contas bentas, relicarios, imagens santas. As virtudes e a felicidade de que gozavam no empyreo os eleitos do Senhor eram-lhes referidas do pulpito de modo exhaustivo. Da tribuna sagrada e nas aulas a cada instante ouviam repetidos os prodigios com que Deus revelara o seu favor á Companhia pelos tempos fora, nas pessoas de seus membros; desde o fundador S. Ignacio até aos modestos coadjutores temporaes, destituídos de letras, simples famulos, a cuja humildade o céu se dignava de manifestar, em successos raros, a sua graça. No proprio Collegio existia um d'esses, o Irmão Antonio Fernandes, enfermeiro, que a todos edificava com sua caridade e virtudes — alguns lhe chamavam *anjo encarnado* — e ás vezes surprehendia com actos que sómente o impulso celeste poderia explicar. Na tradição do Collegio, já recolhida em chronicas, havia a memoria de acções sublimes de edificação praticadas pelos primeiros missionarios; tal era o caso do Padre Manoel de Paiva, offerecido em almoeda nas ruas, como escravo, por mortificação que lhe impunha o Superior Manoel de Nobrega; o do Padre João Navarro, que uma vez se foi disciplinando publicamente até casa do Governador Thomé de Sousa, seu confessado. Mas de tantos varões santos que haviam tido por mãe espirital a Companhia nenhum excedera o Padre José de Anchieta, santificado em breve, assim se esperava, e cujos restos o Collegio estimava como reliquia do maior preço. Em vida ali residira por vezes, coadjutor, padre professo e Provincial; ali se tinha ordenado sacerdote. Deus premiara-lhe as muitas virtudes com o dom da prophecia. Sem conta eram as maravilhas por elle obradas, em revelações, curas repentinas, actos de submissão de selvagens que nunca vira, e até de animaes bravios, uns e outros obedientes a seus acenos e á sua voz. Estando em oração, mais de uma vez o viram em extase, de joelhos suspenso no ar. Certa occasião, em uma praia, ao tempo que enchia a maré, detiveram-se as aguas na frente d'elle, deixando o lugar onde se achava em sêco até que se retirou. Na capitania de S. Vicente, andando em viagem pelo sertão, ao transpôr uma cachoeira voltou-se o barco, e caiu na agua Anchieta, que não sabia nadar. Após diligencias repetidas, conseguiram tira-lo os Indios, seus companheiros. Estava o Padre em fundo de quatro a cinco braças, sentado na rocha, sem ter perdido o folego nem bebido agua, sem nenhum incommodo mais que o ter-se molhado. Nada melhor demonstrava seus meritos perante o Altissimo

¹ Cf. Conde Paulo de Hoensbroech, *14 Jahre Jesuit*, Lipsia, T. 1.º, pag. 241.

² *Vida*, pag. 6.

que este milagre. Nelle tivera o Brasil o seu apóstolo, como a Índia em S. Francisco Xavier. Assim, pois, onde a Companhia tentava a catechese logo apparecia uma figura excelsa, a provar o muito que valia o Instituto, e signal certo da preferencia do céo.

O Collegio era dos edificios notaveis da cidade e *no melhor sitio d'ella* — diz o autor da *Chorographia brasílica*, Ayres de Casal —¹; na parte alta e deitando sobre o mar, que os padres viam dos cubiculos quebrar-se na praia em resaca, e ao longe diluir-se, fundido com o céo, no horizonte sem fim. A cêrca, pejada de arvores de fructo e plantas hortenses, da terra e da Europa, e onde, ao par do raso ananaz e da copada bananeira, a vide em perpetuo verdor fructificava todo o anno, descia até ao mar, e tinha porta sobre elle pela qual, quando faziam viagem saiam os padres a embarcar-se. A população era mais numerosa que em qualquer outra casa da Companhia no Estado. A Provincia contava em 1625 cêrca de 190 religiosos, padres, coadjutores e estudantes sem contar os noviços. Na Bahia 80, em Pernambuco 40, no Rio de Janeiro 35. Estes eram os Collegios; o restante dispersava-se em pequenos grupos pelas chamadas Residencias².

A' Bahia tinham ido os jesuitas com o primeiro governador, e ali abriram escola de ler e escrever, para as crianças, a primeira que houve no Brasil. A obrigatoria aula de latim veio em seguida, mas só depois que em 1553 Anchieta, recémchegado da Europa, iniciou em S. Vicente o ensino d'essa disciplina. Em 1573 principiou o curso de artes com dez alumnos da Companhia e quatro de fora, e o de theologia para os futuros sacerdotes. Já então um padre preleccionava sobre casos de consciencia³. Achava-se preparado o molde em que havia de formar-se o espirito de Antonio Vieira. Isto pelo que diz respeito á instrucção. O restante era obra do ambiente social, e completa-lo-ia a parte educativa dos regulamentos a que, iniciado na Companhia de Jesus, teria de submeter-se.

Os dois annos de noviciado são de dura provação para os alumnos, tudo durante esse tempo tende a abolir as relações existentes com o mundo exterior. O neophyto pertence em corpo e alma á Companhia; nenhum acto que não esteja de antemão regulado pelos superiores, nenhum pensamento que não seja por elles sugerido ou prescrito. O periodo é de extraordinaria tensão moral para todos; para alguns, os mais mimosos, e d'esses seria Vieira, que na casa paterna tinha conchego e servidores, de penoso esforço physico. De certo os mais vivos enthusiasmos arrefecem durante elle alguma vez. Toda a existencia do noviço se acha regrada em programma, immutavel como todas as leis da Sociedade, desde que o fundador ha mais de tres seculos as estabeleceu. Do romper do sol á hora do adormecer todos os momentos teem sua occupação prevista; nenhum para a recordação dos paes, dos amigos, dos interesses que até ahi prendiam á vida commum o iniciado. Tambem nenhum tempo consagrado aos estudos litterarios; nada mais que a technica da pré-gação, da catechese e da escola, os tres ramos em que se divide a missão do jesuita. Diariamente exercicios de memoria, com textos decorados do Antigo

¹ T. 2.º, pag. 119.

² Carta Annua, por Antonio Vieira, *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 19.º, pag. 177.

³ Historia de la fundacion del Collegio de la Baya de todo los Sanctos, y de sus residencias, *Annaes da Bibl. Nac.* vol. cit. pag. 93.

e Novo Testamento; e os de declamação, que na lingua da Companhia se denominam *repetição dos tons*, para as inflexões do pulpito. Instrucção sobre o porte e ademanes, sobre o andar, o riso, a voz, a posição das mãos, a direcção do olhar, o modo de compôr o vestido. Os labios não devem estar contraídos nem em demasia abertos. Evita-se o franzir da testa ou do nariz, pois cumpre que se leia no rosto, espelho da alma, a serenidade do interior. Tudo isto se acha especificado em regras escriptas, que o noviço tem de conhecer e praticar ¹. Até ás conversações do recreio toca seu capitulo; o ambito d'ellas é limitado: a vida do Salvador, a morte, o céu, o inferno, os vícios, as virtudes, os martyres catholicos, as heresias; assumptos que possam manter o espirito na contemplação das cousas da fé, e ser motivo de edificação ². Acima de tudo pois se cuida de formar o religioso, treinar o candidato á profissão na disciplina, que constitue o nervo da Companhia; á sciencia, necessaria ao sacerdote, fica reservado outro periodo.

Na Companhia de Jesus, como aliás em todas as ordens monasticas, é a obediencia a suprema virtude. Nem podia ser menos no instituto que se applica milicia da Igreja, e a que o fundador, como o proprio titulo indica, quiz impôr as caracteristicas do officio das armas, de onde procedia. «Em outras religiões — dizia elle em carta aos jesuitas de Portugal — podemos soffrer que nos façam vantagens nas asperezas, que cada um santamente observa; porém na pureza da obediencia desejo, irmãos carissimos, que se assignalem os que nesta Companhia servem a Deus Nosso Senhor, e que nisto se conheçam os verdadeiros filhos d'ella». O trecho é adduzido em uma pratica que Antonio Vieira já provector fazia aos religiosos seus subditos, no mesmo Collegio da Bahia, onde quasi setenta annos antes fôra noviço ³. No seguimento da carta Ignacio de Loyola explica o que sejam os tres grãos da obediencia: no primeiro subordina-se a vontade individual á do superior; no segundo identifica-se com ella; no terceiro, e só esta obediencia é perfeita, á identificação da vontade acompanha a identificação do pensar. O jesuita — diz — não deve discorrer diversamente do superior ⁴. E' o que ensina o padre Affonso Rodrigues em livro que os noviços lêem todos os dias, o *Exercício de perfeição*: quem entra na Companhia seja como um corpo morto; este não vê, não fala; do mesmo modo o jesuita não terá olhos para ver, nem voz para contradizer o que lhe prescreve a obediencia ⁵. D'esta arte o individuo abdica da sua personalidade, e se acha interior como exteriormente manietado. Qual cadaver que vai para onde o queiram levar, ou bordão em mãos de velho que usa d'elle a seu talante; assim dizem os Estatutos. Obedecer a Deus, em todos os mandamentos, a

¹ Hoensbroech, T. 2.º, pag. 87.

² Ibidem, pag. 26.

³ *Sermões*, T. 9.º, 1856, pag. 76.

⁴ Roma 23 de maio de 1553. Transcripção. Hoensbroech, T. 2.º p. 61 e 62.

⁵ *Exercício de perfeição e doutrina espirital para extinguir vícios e adquirir virtudes*, Tratado IV, capitulo II. São d'este mesmo capitulo e do seguinte estas passagens: «A este grão (o terceiro) chamam os Santos obediencia cega, e nella consiste a perfeição d'esta virtude». (Da edição do Porto de 1869, pag. 381). «Nenhum meio é tão efficaç para alcançar a perfeição e obediencia como fazermos conta que Deus é o Superior e que Elle nos manda: e que obedecendo nós ao Superior não obedecemos a um homem senão a Deus». (Pag. 384). «Não ha que reparar em se vos mandar o cozinheiro ou o Superior do convento, já que não obedeceis por elle senão por Deus». (Pag. 387).

Santo Ignacio em todas as regras, ao superior, *que é a voz de Deus* em tudo o que dispuser, nisto compendia Vieira as obrigações do jesuita ¹.

A obediencia neste extremo decorre necessariamente da humildade. Ora para esta virtude é escola excellente o confessorio. O homem entra em si, revolve o seu intimo, pesa os seus actos, submete a um estranho o mais recondito do seu pensamento; esse interroga, prescruta, aconselha, reprehende; nas acções mais indifferentes, nas idéas mais candidas descobre-lhe ás vezes uma transgressão da lei divina; se é noviço uma infracção dos preceitos da Companhia. Então o confessado sente que ladeia um abysmo; como caminhar por si só, e sem o amparo de um guia espiritual? Isso todavia não basta. Além da confissão semanal, prescripta nas Constituições a todos os da Sociedade, cada um tem de prestar periodicamente contas do estado de sua consciencia, *ratio conscientiae*, e confiar ao Superior quanto lhe vai na mente sem ser materia de pecado; em particular o que respeita ao espiritual e preceitos da Ordem; á vocação, acatamento da Regra, sacramentos, devoções, penitencias, disposição para com os superiores ², etc. Esta operação depuradora do pensamento realiza-se para os noviços todas as semanas, para os estudantes, grau a que ascendem em seguida, todos os menses, para os professos todos os annos. Mais perfeita e mortificante demonstração de humildade é a confissão publica de alguma falta no refeitório, ou a pratica denominada lapidação, *lapidatio*, em que, ajoelhado o noviço no meio dos companheiros, cada um lhe reprehende um erro, lhe critica um defeito exterior: o andar, os gestos, o rir ou chorar, a voracidade ou o fastio ³; e isso com a crueza de ascetas jovens, empenhados na emenda do proximo, e a barbara alegria da desforra de humilhações identicas já passadas.

Conscio do nada que é perante os superiores, a quem cegamente obedece, porque lhe representam Deus, o noviço acha-se apto a comprehender a exacta relação em que se encontra para com o Eterno seu criador. Troca então o interesse das cousas terrenas pelo da vida espiritual, e refugia-se d'ellas no mysticismo. Só assim será perfeito religioso. Os Exercícios espirituaes, que no primeiro anno do noviciado, periodo excepcional, se fazem completos no espaço de um mês, rematam-lhe a educação mystica. Fazem-se sob a direcção de um padre, seguindo o texto que, pela tradição antiga da Companhia, Ignacio de Loyola escreveu a ditado da Virgem; obra maravilhosa de um soldado, igualmente hospede nas sciencias humanas que nos estudos sacros, quando a compoz — diz um escriptor mais do nosso tempo —, o Padre Ravignan ⁴. Como quer que seja, nunca dentro da Sociedade de Jesus nem fora d'ella mais adequado instrumento se encontrou, para submeter ao ideal mystico a esquivia razão. Alheio ao mundo exterior, no isolamento, no silencio de uma cella monastica, na obscuridade, para que nada o distraia de seus pensamentos, o exercitando medita no pecado: no primeiro pecado, o dos anjos, pelo qual se transferiram em demonios, no pecado do primeiro homem e nos seus proprios. D'ahi a idéa do castigo condu-lo a pensar no inferno; a imaginação entra em trabalho, evoca e faz-lhe ver as

¹ *Sermões*, T. 9.º, pag. 77.

² Hoensbroech, T. 2.º, pag. 74.

³ *Ibid.* pag. 85 e 114.

⁴ *De l'existence et de l'institut des jésuites*, 8.ª ed. pag. 54.

almas dos reprobos no eterno fogo, ouvir as blasphemias que pronunciam, respirar os fumos que as suffocam, provar o travor das lagrimas que derramam, sentir na epiderme o calor que as abrasa¹. Todos os sentidos toca a alucinação; nem uma só corda do instrumento humano que não vibre; só assim produzem seu effeito pleno os Exercícios.

Na segunda semana a contemplação versa sobre Christo, considerado em figura de rei, *dux et imperator*, que marcha á conquista das terras de infieis, e acena aos seus a que o sigam. Quem se deixa ficar e não obedece ao chamado é cobarde *miles ignavus*. Neste ponto e na parabola das duas bandeiras, uma de Christo, a outra de Lucifer, que ambas convocam seus adeptos, se reflecte a alma do homem de guerra, autor do livro dos *Exercícios*. A mente sempre activa evoca depois a imagem do Mestre divino em Jerusalem, no campo ameno, ensinando aos homens a lei da humildade; a do caudilho da impiedade em Babylonia sobre um throno ardente, a despedir os demonios inferiores, que vão por toda a parte espargir o vicio e o mal². O seguinte periodo é consagrado á paixão, o quarto e ultimo á ressurreição e ascensão do Salvador. A cada meditação corresponde o esforço pela representação sensível dos objectos — scenas, logares e pessoas — a que se prende o pensamento. O effeito, segundo a theoria dos Exercícios, consiste em levar o individuo á eleição da vida que tem de seguir: o pecado e seus fataes atractivos, a salvação, pelo caminho arduo da renuncia e do sacrificio. E' o repetir da historia de Ignacio de Loyola; as luctas da sua consciencia no retiro de Manresa; a victoria do alado espirito sobre o homem physico, escravo do seu temperamento, e alheio ao Deus que o remiu.

Para confirmar os noviços na obediencia, e na santa virtude da humildade, manda o Instituto que todos os dias se occupem algum tempo em labores manuaes. Por isso no jardim e horta cavam, plantam, semeiam, regam e colhem; dentro de casa alternadamente ajudam o irmão leigo cozinheiro, lavam as louças, são dispenseiros e moços na copa e refeitório, asseiam os dormitorios, salas e corredores. Se ha obras de carpinteiro, pedreiro ou outras dão serventia ao mestre do officio, amassam a cal, levam-lhe os tijolos, seguram as taboas, passam-lhe as ferramentas. A's vezes, ao sair do refeitório, deita-se um noviço ao través da porta, e toda a communidade transpõe a viva barreira; outros teem por gosto comer de joelhos, ou durante o repasto beijar os pés aos companheiros³, e o exemplo fructifica. Teem mais, provação obri-gatoria, de fazer uma jornada sem viatico, a pé e mantendo-se de esmolas — no Brasil de caminho ás povoações dos Indios, mais trabalhoso e de privações que

¹ Prius praeludium hic habet compositionem loci, subjecta oculis imaginationis, inferni longitudine, latitudine ac profunditate. Punctum primum est spectare per imaginationem vasta inferorum incendia, et animas igneis quibusdam corporis, velut ergastulis inclusas. Secundum audire imaginariè planctus, ejulatus, vociferationes atque blasphemias in Christum et Sanctos ejus, illic erumpentes. Tertium imaginariè etiam olfactu fumum, sulphur et sentinae cujusdem seu faecis atque putredinis graveolentiam persentire. Quartum gustare similiter res amarissimas, ut lacrymas rancorem, conscientiaeque vermem. Quintum tangere quodammodo ignes illos, quorum tactu animae ipsae amburantur. *Exercitia spiritualia S. P. Ignatii Loyolae*, Prima Hebd., v Exerc.

² Punctum primum erit imaginari Christum in amoeno campo juxta Hierosolimam, etc. ... Punctum primum erit imaginari eorum oculis meis, apud campum Babylonicum, ducem impiorum in cathedra ignea, et fumosa sedere horribilem figura vultuque terribilem. *Exerc. spirit.*, Sec. Hebd., 4º die.

³ Hoensbroech, T. 2.º, pag. 114.

nas estradas da Europa — e de servir algum tempo nos hospitaes. Emfim, tudo se dispõe a abater as presumpções de sangue ou posição social, e a convencer o noviço do nullo das humanas vaidades. Com a leitura diaria da *Imitação de Christo*, e do *Exercício de perfeição* de Affonso Rodrigues, o espirito melhor se treina no ascetismo; do mesmo modo o corpo pelo uso do cilício e disciplinas. Tal em nossos dias se prepara a alma do jesuita; tal devia a de Antonio Vieira ser preparada no seu tempo. As principaes feições do methodo confirmam-as elle mesmo. Da obediencia sabemos o que pensava. Os Exercícios espirituales, a peregrinação, o serviço aos enfermos são pontos mencionados em uma pratica sua aos noviços e estudantes, quando regia as missões da Bahia. A esses faz ver qual seja o destino do verdadeiro jesuita, educado para o apostolado e para a humildade. Ensinar a padecer, diz elle, são os dois polos em que todo o ministerio de salvar almas se revolve¹. Fôra esse o seu objectivo nos dias saudosos do noviciado; esse apontava ainda aos que nelles se encontravam agora. De como o mister se aprendia na pratica, temos de sua mão quadrinho delicioso:

Sáem tres noviços do noviciado em Portugal, sem mais que o seu bordãozinho na mão e o seu alforge ao tiracolo debaixo das capas remendadas: e que fazem? Caminhando pelas estradas vão sempre a pé, e com os olhos baixos, pedindo esmola, e sustentando-se pobrementemente do que lhe dão, e mais pobrementemente do que lhe negam, recolhendo-se de noite aos hospitaes, e onde os não ha dormindo nos palheiros: para que? Para que aprendam, se endureçam e se costumem a padecer. E que mais fazem? Entrando pelas villas e logares convocam os meninos e gente rude, vão ás igrejas ou ermidas, sobem ao pulpito; primeiro que tudo ensinam a doutrina christã, logo falam temerosamente da morte, do juizo e do inferno, brandando com vozes ainda delgadas contra os pecados: e para quê? Para o que se experimenta commummente nos ouvintes; porque ouvindo-os d'aquella idade se enternecem, e elles os persuadem tanto com as suas palavras como com a sua modestia e exemplo.

Em seguida annunciava-lhes o que havia de ser a vida de missionarios, queprehendiam, comparando-a com a do Baptista na penuria do deserto. Andariam por bosques e matos, vestidos de algodão grosseiro, tinto nos tujucos, famintos e matando a sede no lodo dos charcos ou nas cacimbas das praias. «Para isto — concluia — hão de sair e partir d'aqui, deixando as capellas douradas e os corredores azulejados, e os eirados de flores e vistas alegres; sem saudades, sem repugnancias, sem temores, antes com jubilos de alegria e saltos de prazer²». Tal era a vida do jesuita no Brasil, a que esperava Antonio Vieira e que elle ambicionava, a de que o destino mimoso havia por muito tempo de desvia-lo.

II

O curso sereno do noviciado foi no segundo anno interrompido por factos graves exteriores. A 8 de maio de 1624 appareceu na costa a armada holandêsa da Companhia Occidental, do commando de Jacob Willekens, que

¹ *Sermões*, T. 9.º, pag. 261.

² *Ibid.*, pag. 263.

no dia seguinte se apossou da Bahia. A defesa foi miserável. O pânico da população extraordinário. Debalde o Bispo D. Marcos Teixeira, capitaneando um grupo de clérigos armados, saíra, com o primeiro aviso de se aproximar o inimigo, a falar ao povo, e incutir ânimo à tropa miliciana, gente bisonha, mal apercebida e convocada à pressa pelo Governador. Vieira, que então tinha dezasseis annos, notou os acontecimentos na *Carta annua* de 1626 para o Geral¹. A peça, previamente composta em português, como parece da linguagem, revela já o escriptor elegante e terso de annos mais cultos. E' excellente a descripção do primeiro assalto.

Com a luz do dia seguinte appareceu a armada inimiga, que repartida em esquadras vinha entrando. Tocavam-se em todas as náos trombetas bastardas a som de guerra, que com o vermelho dos pavezes vinham ao longe publicando sangue. Divisavam-se as bandeiras holandesas, flammulas e estandartes, que ondeando das antenas e mastaréos mais altos desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que, a quem se não temera, podiam fazer uma alegre e formosa vista. Nesta ordem se vieram chegando muito a seu salvo, sem lh'o impedirem os fortes, porque, como o porto é tão largo, tinham logar para se livrar dos tiros.

Tanto que emparelhou com a cidade, a Almiranta a salvou sem bala, e despediu um batel com bandeira de paz. Mas á salva, e á embaixada, antes de a ouvirem responderam os nossos com pelouros, o que vendo os inimigos se puseram todos a ponto de guerra. Viraram logo as náos enfiadas sobre a terra, e por onde iam passando descarregavam os costados na cidade, forte e navios que estavam abicados na praia; o que continuaram segunda e terceira vez até que, depois do meio dia, puseram todos a prôa em terra, e as tres dianteiras, em determinação de abalroarem a fortaleza mas, impedidas dos baixos, lançaram ferro e em arvores secas, como se foram todas de fogo e ferro, começaram a desfazer tanto nelle que parecia pelejava nellas o Inferno. E foi tal a tempestade de fogo e ferro, tal o estrondo e confusão que a muitos, principalmente aos pouco experimentados, causou perturbação e espanto, porque por uma parte os muitos relampagos fusilando feriam os olhos, e com a nuvem espessa do fumo não havia quem se visse; por outra o continuo trovão da artilharia tolhia o uso das linguas e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombetas e mais instrumentos bellicos, era terror de muitos e confusão de todos.

Iam respondendo, como podiam, o forte e as náos, e entretanto desembarcavam os holandeses um destacamento de quinhentos a seiscentos homens, perante os quaes fugiram os nossos que guardavam a praia. Mas nem todos os defensores procederam de igual forma, e com alternativas de resistencia e abandono das posições foi proseguindo a lucta até o dia findar. Com as trevas, porém, venceu o desânimo; soldados e população debandaram.

Era já nesse tempo alta noite, quando de improviso se ouviu por toda a cidade (sem se saber de onde teve principio) uma voz: «Já entraram os inimigos; já entram, os inimigos já entram». E como no meio d'este sobresalto viessem outros dizendo que já vinham por tal e tal porta, e acaso pela mesma se recolhesse neste tempo uma bandeira nossa com mechas caladas; como o medo é mui credulo verificou-se esta temeridade, e assim pelejando a noite pela parte contraria ninguem se conhecia, fugiam uns dos outros, e quantos cada um via tantos hollandeses se lhe representavam.

¹ Ms. da Bibliotheca de Evora, impresso nos *Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, vol. 19.º, pag. 175 e seg. Não se observa a orthographia original para manter a uniformidade com as obras, publicadas em epochas diversas, cada uma com a orthographia da então, que se reduzem todas á actual.

Instava entre tanta confusão o cansado e afligido Governador nesta noite, como Enéas na do incendio, juntando e animando os soldados, a morrer antes com honra que a ter vida sem ella; mas não aproveitavam estas vozes, porque estavam já do medo e das trevas da noite tão cegos que, não vendo quanto se infamavam a si e a todo o Portugal, desampararam totalmente a cidade fugindo cada um por onde pôde, deixando todos suas casas e fazendas, e muitos para mais ligeireza as proprias armas...

Em curto espaço se achou deserta a cidade. Das autoridades ficou sómente o Governador, Diogo de Mendonça Furtado, que no dia seguinte os hollandêses apprehenderam, com um filho e os poucos homens que em palacio lhe faziam guarda. O Bispo fugira durante a noite, e após elle depois de pôrem a salvo o mais precioso, reliquias, pratas e ornamentos de valor, os jesuitas. Detiveram-se estes na quinta que possuiam a curta distancia da cidade, e de manhã, não havendo noticia que induzisse a confiança na defesa, continuaram a jornada para mais longe. Vieira descreve em traços vivos a agonia dos moradores em fuga.

Mas quem poderá explicar os trabalhos e lastimas d'esta noite? Não se ouviam por entre as matas senão ais sentidos e gemidos lastimosos das mulheres que iam fugindo; as crianças choravam pelas mães, ellas pelos maridos, e todas e todos, segundo a fortuna de cada um, lamentavam sua sorte miseravel. Accrescentava-se a este outro trabalho não menor, que como forçadamente, para passarem ávante, iam demandar um rio, a que chamam Rio Vermelho, aqui se viam no aperto em que se viram os filhos de Israel, quando fugiam de Pharaó; porque o medo lhes representava os hollandêses já nas costas, o rio lhes impedia a passagem, a noite dificultava tudo e o susto chegava a todos. Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem tomar conselho, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o Céu e os corações dos que os ouviam.

Eram, segundo a conta do chronista, dez ou doze mil almas, só dos portuguezes, os que fugiam, «servindo de casa a uns as arvores agrestes, e a outros o Céu, sem mais algum abrigo da calma, chuva e sereno da noite»; ricos e em igual miseria. Alguns se acolheram na aldeia do Espirito Santo, accommodando-se entre os Indios, pupillos dos jesuitas, outros encontraram abrigo nas fazendas do interior, aos cem, duzentos e mais em cada uma, conforme a capacidade do lugar. Os Padres mal podiam ficar nas casas que tinham na aldeia, as quaes, destinadas para quatro, alojavam então setenta. Passaram pois a outra aldeia, a de S. João, distante uma legua, tambem habitada de Indios da sua doutrina; e como as habitações dos Padres não estivessem concluidas puseram mãos á obra os noviços, artifices inhabeis, rematando até onde foi possível a construcção.

No Espirito Santo ficara o Bispo, que convocou a conselho os officiaes da Camara e desembargadores; por proposta sua elegeu-se Capitão mór, visto ser o Governador prisioneiro dos hollandêses, e tomaram-se deliberações com que se deu principio á resistencia e se preparou a expulsão final do invasor. Iniciou-se a campanha com as forças que a energia do Bispo conseguiu reunir, mil e quatrocentos brancos e duzentos e cincoenta Indios, a maior parte d'estes das aldeias dos jesuitas. Vieram soccorros de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e apertou-se o cerco aos hollandêses, que afinal a 30 de abril de 1625 capitularam, regressando os jesuitas logo em seguida á cidade.

A 5 de maio celebraram com festa solemne na sua igreja a victoria

dos portugueses. Cumpria Vieira nessa data os dois annos de noviço. A guerra com seus accidentes e perturbações inevitaveis não tinha alterado a vida interna da comunidade. No seguinte dia proferiu nas mãos do Reitor os chamados votos simples de pobreza, obediencia e castidade, fazendo promessa de entrar na Companhia, e viver nella segundo a regra do fundador. Passava d'esta arte ao grau de estudante, no qual tinha de permanecer alguns annos, até completar o curso theologico, indispensavel para a profissão definitiva. Era tambem o momento de pronunciar a renuncia aos bens terrenos, *abdicatio bonorum*. Não foi o sacrificio pesado a Vieira. Poucos eram os percalços de Escrivão dos agravos, e Christovam Ravasco, seu pai, não dispunha de outra renda. Por *velho* e *pobre*, nos termos do decreto, alcançou do governo licença para em vida ou por morte passar o cargo a um dos filhos, ou a alguma filha para o marido quando casasse ¹. Era toda a herança que deixava. Mas que fossem condados, e minas e thesouros, tudo com a mesma indifferença Vieira teria abandonado.

Faz parte das obrigações dos jesuitas o ensino, e os professos ajuntam aos tres votos essenciaes a promessa de cuidarem da educação da mocidade. Nenhum filiado da classe em que se achava Vieira pode eximir-se á tarefa do ensino nas aulas de grammatica e humanidades. O tirocinio é indispensavel, da mesma forma que não pode entrar para o numero dos professos quem não esteja apto para leccionar philosophia e theologia ². Foi assim que Vieira, em fins de 1626 ou começo de 1627, deixou a terra onde fizera os primeiros estudos, para ir reger a cadeira de rhetorica no Collegio de Olinda. Já então os superiores lhe tinham posto á prova o talento litterario, encarregando-lhe a composição do relatorio que a Provincia manda periodicamente ao Geral, sob o titulo de *Carta annua*. A de 1624 faltou, pelas inconveniencias da guerra, e os acontecimentos d'esse anno e do seguinte foram mencionados em uma só carta, de 30 de setembro, de 1626, que Vieira assignou por commissão do Vice-provincial. Vê-se pois um moço de dezoito annos, novo na Sociedade, atrazado ainda nos estudos, substituindo ao Superior da Provincia, e preferido aos padres de mais letras para corresponder com a dignidade mais alta da sua corporação. Sem duvida por ser o mais perito latinista, como em manejar o vernaculo a todos se avantajava. Nem o Geral estranharia a substituição quando, pelas informações que reitores e mestres de noviços periodicamente enviam a Roma, sabia que estrella despontava na Companhia, e que o dar-lhe ensejo a manifestar-se a estimulava a mais vivas irradiações. O proceder era louvavel e corrente em toda a parte; como não havia se-lo entre os jesuitas, tão experientes em descobrir e aproveitar as vocações?

E' presumivel que, do tempo decorrido entre o periodo do noviciado e a saída para o Norte, parte o passasse Vieira nas aldeias da doutrina e ao trato frequente dos Indios se lhe avivasse o gosto pela vida de missionario. O caso é que concluido o prazo usual do magisterio, ou talvez antes, declarou o intento de não proseguir nos estudos, e entrar logo no trabalho das missões. Não convinha á Sociedade que sujeito de taes dotes se desviasse da car-

¹ Decreto de 15 de novembro de 1623. Arch. Nac. Chancel.^a de D. Filipe III, Liv. 9.^o, fol. 315.

² Ratio studiorum, Reg. Provincialis, 17, 19. Cit. por Hoensbroech, T. 2.^o, pag. 406.

reira que tanto promettia illustrar, para se perder na obscuridade de uma tarefa em que a boa vontade suppre sem nenhuma falta o talento. Interveio o preceito da santa obediencia e, com grande magoa do postulante, mandaram-no regressar á séde da Provincia, e iniciar o estudo da philosophia.

Nada em particular se sabe da vida de Vieira, nos oito annos decorridos, até se ordenar sacerdote, a 13 de dezembro de 1635. Da falta de noticias se conclue que seguiu sem incidente notavel, a rotina da preparação para o grão de professo. Apenas existe menção de que nas classes de philosophia foi distincto. Sabe-se que era, que é ainda actualmente esta disciplina, no programma de estudos dos jesuitas, nada mais que o degráo por onde se chega á theologia. Subordinada e serva em tudo da sciencia das cousas divinas: *ancilla theologiae*, como a Regra dos estudos estatue. A parte mais importante era a logica. Disputava-se em latim sobre theses que se desarticulavam em numero infinito de preposições secundarias. O exercicio que se realizava ora particularmente nas aulas, ora com solemnidade, em presença dos professores e ás vezes de convidados de graduação, era verdadeiramente o triumpho do syllogismo. Por longo espaço proseguia a esgrima das palavras; com o *ergo* sacramental se marcava o bote a fundo; nos meandros do *distinguo* se evadia o contendor acossado, fazia a parada, voltava com a resposta; de quando em quando o mestre, juiz do prélio, intervinha para restabelecer os adversarios nas posições; ou então saía a campo elle proprio, se a verdade arriscava de ser vencida pela argucia. Com a philosophia natural, a metaphysica, a cosmographia e mais disciplinas occorriam justas iguaes¹. Para exercitar a agudeza dos alumnos davam-se-lhes problemas abstrusos para solver. Taes os seguintes: Como foi que pôde Boethio, degollado por ordem de Theodorico, levar nas mãos e a falar a propria cabeça, até que se acolheu a uma igreja? força natural, ou effeito da graça divina? Como podem viver no fogo do inferno os vermes que atacam os corpos dos reprobos? será por effeito de força natural? Existe alguma entrada para o inferno? na affirmativa, onde se encontrará²? Tambem o sebastianismo com as suas controversias, offercia thema ás faculdades especulativas dos arguentes. Em 1664 disputava-se no Collegio de Coimbra sobre se havia de vir ou não D. Sebastião, e quem era o Encoberto das Prophecias³. Nos sermões, *Historia do futuro* e outras obras de Vieira, a cada passo se encontram reminiscencias d'este ensino, em problemas que se propõe resolver, não menos extravagantes que os mencionados. De toda a maneira não ha negar que da gymnastica mental exercitada então derivaria parte do seu poder dialectico. Quanto, como alumno, em taes discussões se distinguiria, pode-se colligir do engenhoso de suas razões na polemica, das subtilizas com que no discurso sagrado deleitava os contemporaneos.

Compendios usavam-se poucos. O estudo fazia-se em geral nas postilas, copiadas pelos discipulos. Vieira recusou-se a esta servidão facil do entendimento; contentava-se de assistir ás prelecções, e do que ouvia, lia e pensava por

¹ Nas universidades de Coimbra e Evora as disputas effectuavam-se quatro vezes por semana. Parte do regulamento vem publicado na *Historia da Universidade de Coimbra*, do sr. dr. Theophilo Braga. T. 2.º pag. 285. Veja-se tambem pag. 404.

² Cf. Schreiber, *Historia da Universidade de Alberto Luiz em Friburgo*, cit. por Hoensbroech, T. 2.º, pag. 435.

³ Carta de 3 de março a D. Rodrigo de Meneses, *Cartas* T. 1.º pags. 199, da edição da Empresa litteraria fluminense.

si, redigiu para seu uso um curso philosophico. O mesmo fez quando chegou á theologia. Não se julgue todavia que, reclamando independencia na forma de estudar, mostrou ambição de novidades quanto aos principios, o que aliás a regra da casa lhe não consentiria. Satisfazia-se de poder mover-se livre em terreno de antemão demarcado. Que seu espirito, affeito á obediencia, se não desviou da doutrina ensinada na cathedra, mostra a circumstancia de o terem mais tarde apontado nesse mesmo collegio para ler theologia. A disciplina dos jesuitas é neste particular inexoravel. Os (professores) *que forem inclinados a novidades, ou de engenho demasiado livre, esses devem ser indubitavelmente excluidos do cargo de ensinar*; assim diz o regulamento dos estudos¹. Toda a vida intellectual de Vieira, com os vôos do seu genio, coube dentro da orthodoxia da Ordem.

Após a philosophia os quatro annos do curso theologico, passados os quaes, e o segundo noviciado, *tertius annus probationis*, está o candidato prompto para a Profissão. Em Coimbra havia disputas diarias sobre a Theologia², e é de crer que a mesma regra se adoptasse na Provincia do Brasil. Vieira devia ter então versado os casuistas do seculo anterior, Molina, Sanches, Soares, Vasques; as doutrinas sobre o probabilismo, a restricção mental, o equivoco — a do tyrannicidio de Marianna fôra prohibida desde 1614 pelo Geral Aquaviva — os casos de consciencia escabrosos da ethica do matrimonio; todos esses pontos da moral chamada jesuitica, que desde Pascal até nossos dias os inimigos da Sociedade teem brandido como arma contra ella. Convem dizer que o effeito de taes golpes tem sido mais o escandalo que a demonstração por factos concretos do damno produzido. Não se poderá dizer que a Companhia de Jesus tenha sido nestes tres e meio seculos um ninho de malfeitores, antes o seu bafo acalentou por vezes virtudes sublimes. Tão alto não subiu Vieira; nunca porém em toda a sua longa existencia deixou de ser honrado e recto por o terem mestres e superiores julgado habil para ensinar aos que vinham depois d'elle essas condemnadas doutrinas. Fraquejou, é certo, na caridade com o proximo e no desprezo das injurias; de versatil pode ser increpado; e algumas vezes o acharemos, por orgulho, em conflicto com a verdade. Isso era questão de temperamento e não de theorias.

(Continua no seguinte numero).

J. LUCIO D'AZEVEDO.

¹ Reg. Prov. 16, Th. Braga, *Hist. da Universidade*, T. 2.º, pag. 401. Congreg. 5, decret. 51, Hoensbroech, T. 2.º, pag. 420.

² Th. Braga, T. 2.º, pag. 428.



R. 12820.

(4) v.

Primeiro periodo da vida de Antonio Vieira

O RELIGIOSO

1608-1640

(CONTINUAÇÃO)

III

Não cabem no espaço decorrido até ao termo dos estudos os cinco annos que, no dizer do biographo André de Barros, Vieira passou applicado todo a doutrinar os Indios¹. Baseia-se o escriptor jesuita em uma carta d'elle na qual se lê que «esteve cinco annos em todas as aldeias da Bahia e nove annos na gentilidade do Maranhão e Pará²». Os cursos de philosophia e theologia abrangiam sete annos, e isso nos leva a 1635, no fim, quando celebrou a primeira missa. Não podia ser portanto nesse periodo, em que para trabalhar na doutrina teria de deixar o Collegio pelas aldeias dos selvagens. Seriam pois os cinco annos em seguida, até o de 1641, em que partiu para a Europa. Sabemos porém que durante esse tempo Vieira repetidas vezes subiu ao pulpito, e já então tinha fama de notavel orador; alem d'isso, cerca de 1638, foi nomeado lente de theologia. As duas occupaões excluem as longas ausencias e a especial actividade do missionario no meio dos seus conversos, sem todavia isso contradizer de modo absoluto o asserto da carta. Note-se porém a differença: cinco annos nas aldeias, nove na gentilidade. Nas aldeias da Bahia achavam-se os indios já baptisados; ali os Padres os tinham em tutela e iniciavam nas praticas da civilização; nada impede de acreditar que elle visitasse a todas nesses cinco annos, prégasse aos indigenas na sua lingua e os instruisse no cathecismo. A gentilidade do Maranhão eram os selvagens dispersos no sertão immenso, que Vieira ia buscar aos seus bosques, e trazia ao limiar do christianismo e da civilização; nesse tempo o Collegio era seu alojamento transitorio; nos mattos e em companhia dos Indios sua residencia mais commum. Quando elle fez isso é que foi realmente missionario; por emquanto, e pode-se conjecturar que com mais satisfação da Ordem, era primeiro que tudo prégador.

¹ *Vida*, pag. 9.

² Ao Padre Manoel Luiz, lente de casos no Collegio de Santo Antão. Bahia, 21 de Julho de 1695. *Cartas*, T. 2.º, 1854, pag. 216.

Nos sermões d'esse tempo mostra-se já Vieira o orador que mais tarde havia de grangear dos contemporaneos tamanho applauso. Desde então, pode-se afirmar, foi sempre igual a si mesmo; possuía as qualidades todas que o distinguem; nenhum dos defeitos corrigiu depois. Erudição, estylo grandioso, intimativa, numero, propriedade notavel de linguagem, elegancia e pureza, de uma parte; de outra o abuso das allegorias, das antitheses, as subtilizas, os trocadilhos, os maneirismos, que infamavam a literatura da epoca, e sobre tudo a eloquencia. Com justa razão o Arcebispo Cenaculo, no catalogo dos livros que os prégadores devem ler, não inclue a Vieira entre os classicos do pulpito¹. Riquezas verbaes brotam-lhe a flux, mas é preciso, diz Camillo Castello Branco, desenreda-las do sarilho vicioso em que elle as invincilhava². Mas não importam os defeitos; na contextura do discurso, na expressão, em pequenos quadros de fino lavor litterario, nos rasgos de palavra esparsos, muitas vezes attinge as culminancias de orador insigne.

A primeira vez que Vieira prégou na Bahia foi na quaresma de 1633; mas é provavel que já antes tivesse começado a exercitar-se nas aldeias, e então para ser comprehendido dos Indios se serviria da lingua d'elles³. Este primeiro sermão logo singulariza o orador pelo estylo que adopta, abundante de termos militares, de conceitos e similes em que vibra a nota guerreira. Não é esta de costume a lingua do pulpito; mas era tempo de guerra, e estava presente o Governador com o sequito habitual de gente de espada. A ouvidos affeitos *ao som das caixas e trombetas*, dizia o orador, fazia elle soar as notas *bellicas, marciaes e de guerra*. Tal fosse o discurso, pretendia, que desde o principio ao fim mostrasse *em toda a narração do Evangelho os verdadeiros preceitos de Marte*⁴.

Não se considere isto o amaneirado em voga, com que como estreante buscasse captar a admiração do auditório. A Bahia era então um acampamento. Ameaçada pelo inimigo, senhor de Pernambuco, temia ver repetido a cada instante aquillo mesmo que nove annos antes supportára. *Uma das maiores escolas de Marte que tem o mundo é a nossa Bahia*, affirmava o prégador. Não tanto quanto elle suppunha, ou para as conveniencias do discurso allegava; assás porém para criar uma atmospherá de praça de guerra, em que o interesse dos combates e victorias a todos os outros superava. O exprimir-se d'este modo era uma forma de Vieira assegurar que tambem os jesuitas compartiam do sentir geral. E como assim não seria estando em risco a segurança commum? Demais para os jesuitas eram os hollandêses duplamente inimigos, como estrangeiros invasores e como hereticos. Occupar-se dos meios de os expellir, e sendo possivel anniquilar, não era tarefa alheia aos fins de defesa da fé, para que fôra criada a Companhia. O caracter impetuoso de Vieira, seu patriotismo ardente, seu zelo de catholico férvido, não lhe consentiam manter-se fora das batalhas. Combatia a seu modo, com as armas da

¹ *Memorias historicas do ministerio do pulpito*, 1776, pag. 315.

² *Curso de litteratura portuguesa*, T. 2.º, 1876, pag. 204.

³ Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, Secção dos manuscriptos, Collecção intitulada *Maquinações de Antonio Vieira jesuita*, T. 6.º, pag. 159, encontra-se um Sermão que se diz prégado por elle quando noviço, mas nada confirma que seja authenticico, tanto mais que na compilação não faltam os apocryphos.

⁴ Sermão da quarta dominga de quaresma, no T. 11.º, pag. 124, ed. de 1856, T. 12.º da 1.ª ed. pag. 133 e seg.



eloquencia que Deus lhe dera, discutindo os feitos de guerra, exaltando os triumphos, reprehendendo as fraquezas, lisonjeando aquelles de cujo esforço esperava a victoria. Acaso d'ahi data o seu interesse pela politica. Certo é que dentro em pouco o havemos de ver preocupado dos negocios d'ella. A guerra e o governo do Estado vão ser o objecto dos sermões mais notaveis que proferiu nessa epoca.

Outras feições da politica o interessavam tambem. Em janeiro de 1634, prégando na festa de S. Sebastião, em um arrabalde da Bahia, o sermão é uma satira do sebastianismo. Quando não tenha outro valor, o discurso vale como documento curioso de quanto a seita estaria em effervescencia na occasião. Até em um logarejo da remota America havia auditorio para quem era familiar o assumpto. *Sebastião o encoberto*, diz Vieira no exordio, jogando com o equívoco, vai ser a materia do sermão; e com effeito todo o discurso evolve em torno das duas palavras, de certo modo mysteriosas, *Sebastião* e *encoberto*.

Foi S. Sebastião o encoberto porque o encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte... O' milagre! O' maravilha da providencia divina! Na opinião de todos era Sebastião morto, mas na verdade e na realidade estava Sebastião vivo; ferido sim e mal ferido, mas depois das feridas curado; deixado sim por morto de dia na campanha, mas de noite retirado d'ella; com vozes sim de sepultura e de sepultado, mas vivo, são, valente e tão forte como de antes era. Assim saiu Sebastião d'aquella batalha e assim foi achado depois d'ella: na opinião morto, mas na realidade vivo¹.

Às vezes poder-se-ia pensar que Vieira participava da chimera, como no passo relativo á morte de José perguntando a Jacob: «Ha alguém que o visse matar? Pois como assim assentaes tão apressada e precipitadamente que José é morto»? Ou então no referente a Isaac:

Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac, pai de Jacob; levou Isaac a lenha, Abrahão o fogo e a espada; compoz o altar, atou a victima, levantou o golpe: tudo verdade infallivel. Mas se alguém neste passo, movido de piedade, afastasse os olhos, e visse d'ahi a um pouco que depois de arder a victima ficavam sobre o altar as cinzas, que havia de cuidar? Havia de cuidar que eram as cinzas de Isaac, e que alli acabara o mallogrado moço; e que aquelle mesmo tumulo que tinha sido o altar do seu sacrificio era a sua sepultura. Esta havia de ser a opinião. Mas não era esta a realidade, porque o venturoso Isaac no mesmo tempo estava livre e alegre, e *com as esperanças confirmadas de se haverem de cumprir nelle todas as promessas de Deus feitas a seu pai e á sua casa*.

Em estos de entusiasmo deviam arfar os peitos dos sebastianistas, se alguns havia, como é de crer, entre os circumstantes. A allusão era evidente ao rei perdido em Africa, que ninguem vira perecer, e ás promessas que, segundo a tradição confirmada por um documento de Alcobça, Deus fizera ao rei D. Affonso na vespera da batalha de Ourique, e a seita interpretava a favor de D. Sebastião². A cada passo uma referencia, que tinha dois sentidos,

¹ Sermão de S. Sebastião, no T. 9.º, pag. 220 e seg. T. 14.º da 1.ª ed. pag. 189. Omittem-se as clausulas latinas intercaladas, por desnecessarias á comprehensão do texto português, e assim se fará sempre que essa condição se verifique.

² *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabelire*. O documento era a certidão do milagre de Ourique, que se dizia achada em 1596 pelo chronista Frei Bernardo de Brito. Cf. *Monarchia Lusitana*, Livro x, Cap. v.

a *Sebastião o encoberto*. Até ácerca de Jonas diz que, tido por morto, está *encoberto em uma ilha encoberta*: a ilha era a baleia. Tudo de principio a fim no sermão segue esta linha.

O sebastianismo fôra em todo o tempo do dominio dos Filipes acalentado pelos jesuitas. Elles eram os mais obstinados propugnadores da crença; das suas casas tinham saído muitas das prophcias, que mantinham os animos em perpetua exaltação, á espera do redemptor que viria salvar o reino da oppressão estranha. A' Companhia pertencera o illuminado Simão Gomes, o *Sapateiro santo*, ao qual sómente o Bandarra, o propheta maximo da seita, sobrepujava. Entretanto Vieira não acompanhava a corrente dominante entre os consocios. O paralelo, que suggeria, das suppostas mortes do martyr christão e de personagens biblicas com a do rei sumido em Alcacerquibir; o derivar toda a construcção oratoria da palavra, cheia de sentido mystico para os cren-tes, com que se designava o Messias da nação; o repeti-la a cada instante como um *leit-motiv*, tudo isso não passava de uma exhibição de rhetorico, perito em subtilezas, desvanecido de acordar em um momento ancias, que no seguinte desenganava. E' de notar que a satira tinha feição politica, pois que os sebastianistas formavam realmente um partido adverso ao dominio de Castella; todos que suspiravam pela independencia commungavam com elles. Nesse tempo ainda o sentimento portuguez não tinha despertado em Vieira. Nascera subdito de rei estranho, e não lhe repugnava achar-se tal.

No resto d'esse anno e no seguinte concluiu elle o curso theologico, e a 13 de dezembro de 1635 ordenou-se presbytero. Por algum tempo, em seguida, não prégou, ou se o fez não conservou as minutas dos discursos para publicar mais tarde. E' provavel se tenha de preferencia dedicado aos misteres da confissão e doutrina, já na cidade, já nas aldeias de Indios, entrando em plena actividade da vida de sacerdote; mas offerece duvida que taes funcções quadrassem bem a seu genio, mais proprio para a agitação constante e para a acção vigorosa.

Mais a gosto estaria quando a pé, pelos rudes caminhos, passava de aldeia a aldeia, a visitar os conversos, do que na serena existencia da cidade. A casa dos jesuitas é, segundo a Regra, a mansão do silencio e do socego. A maior parte do tempo, quando não occupado em funcções do ministerio sacerdotal ou actos de devoção na igreja, passa-o cada um no seu cubiculo, absorto no estudo, na meditação ou na prece. Em nenhum logar se ouve falar alto. As visitas de cubiculo a cubiculo são prohibidas, a não serem para fim determinado e com autorização do Superior. Só nos passeios raros e curtas recreações ha oportunidade de considerar em commum os negocios que fora occupam os homens. As visitas de estranhos são poucas; as que os padres fazem por sua vez, não mais. Isto, a cumprir-se á risca, era pôr em carcere uma alma, qual a de Vieira, ciosa da sua liberdade, prodiga de suas impressões, e insaciavelmente curiosa dos factos do mundo. Mas no Collegio da Bahia nem sempre era assim. O rumor da agitação externa com suas anciedades amiude perturbava o estudioso encerrado com seus livros, o asceta embebido nas suas contemplanções.

Em 1638, a 16 de abril, desembarcou Mauricio de Nassau em frente da cidade, com forças que se compunham de tres mil e quatrocentos soldados europeus e mil Indios auxiliares. O perigo era o mesmo do accommettimento anterior; igual seria o resultado se não tivesse a experiencia instruido os governantes, mostrando quanto era fatal o descuido nas preparações de guerra.



D'esta vez não encontrou o inimigo a praça indefesa nem a guarnição desanimada. Não se repetiram as humilhações que Vieira lamentara na Carta annua de 1626. E' com a linguagem do triumpho que no lance commemora o assalto do hollandês. Quarenta dias durou o sitio, ao cabo dos quaes o invasor desenganado teve de retirar-se. Prégando no templo da Misericordia, na festa em acção de graças pela victoria — "esta victoria tão honrada, tão festejada e de que tão desacostumado está o Brasil ha tantos annos" ¹ — assim fala o prégador — Vieira descreve como o inimigo se recolheu ás embarcações durante a noite, mais em manifesta fugida que em verdadeira retirada.

A artilharia deixada e carregada nas plataformas sem retirar o inimigo uma peça; o pão cozendo-se nos fornos, as ôlhas dos soldados ao fogo, as tendas, as barracas, as armas, a polvora, tudo desamparado, sem ordem, no precipicio da desesperação não só temerosa mas attonita: sobretudo o silencio das caixas e das trombetas com que tão confiados se tinham aquartelado, mudo e insensível ás nossas sentinellas.

O mesmo no sermão de Santo Antonio, dias depois, a 13 de junho ².

Não quiz Deus que acommettessemos os inimigos nos seus quarteis, como tanto desejavam os soldados, nem que acabassemos de o sitiá nelles, como tinham determinado os generaes; mas que, vencido do temor e convencido da propria desesperação, sem nova violencia fugisse, e com uma fugida tão precipitada e torpe, deixando artilharia, munições, armas, bastimentos, e até o pão cozendo-se nos fornos, e nos ranchos a comida dos soldados ao fogo, para que os negros da Bahia tivessem com que banquetear a victoria. Mais ainda: que nas fortalezas rendidas, estando á beira mar e dominadas dos seus navios, nem das armas levassem um arcabuz, nem da artilharia um bota fogo, e ficassem tão inteiras em tudo como as acharam!... Emfim o inimigo nos deixou tudo o nosso e parte do seu... Pelas nove e dez horas do dia saíu pela bahia fora a armada, triste, desamparada e muda...

Durante os quarenta dias de sitio supportou a cidade o bombardeamento porque "as balas que se atiravam ás nossas trincheiras — diz Vieira — por linhas tendentes e a ponto fixo — repare-se como estava familiarizado com a phraseologia militar — ordinariamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras, mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros, e caíam como chuva do céu". O Collegio, muito exposto pela posição de face ao mar, devia ser visitado pelos projecteis, mas nem lá, nem em nenhum ponto da cidade attingiram a pessoa alguma das não combatentes.

Os tiros da artilharia inimiga que se contaram foram mais de mil e seiscentos, e chovendo a maior parte d'elles sobre a cidade, que faziam? Uns caíam saltando e rodavam furiosamente pelas ruas e praças; outros rompiam as paredes; outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas balas quantas eram as pedras e as telhas; e foi coisa verdadeiramente milagrosa que a nenhuma pessoa matassem nem ferissem, nem ainda tocassem dentro da cidade, sendo que chegaram a levar ou despir a algumas ainda as roupas mais interiores, mas sem nodoa nem signal nos corpos. E ainda para maior excusa de maravilha, quando as balas que choviam por elevação na cidade nenhum damno fizeram nos moradores, é certo que as nossas colubrinhas, que tambem jogavam por elevação desde as portas da Sé, caindo no valle onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, mataram muitos dos hereges.

¹ *Sermões*, T. 3.º, pag. 112 e seg., T. 7.º da 1.ª ed. pag. 423.

² *Ibid.* T. 8.º pag. 295 e seg., T. 6.º da 1.ª ed. pag. 93.

Todo o sermão está cheio de episódios de guerra, e nelle se segue o caminhar das operações, desde o ataque dos hollandêses a Sergipe e retirada de Bagnoli, que com as forças trazidas á Bahia auxiliou muito a defesa, até á occasião. Em alguns pontos a alegria do triumpho, e acaso a satisfação de ter escapado pessoalmente ao perigo, raia pelo jubilar feroz. Referindo-se ao psalmo de David, que diz ser o castigo dos maus «uma tempestade de fogo e enxofre dada a beber em um copo», applica o texto com desapiedada ironia aos hollandêses.

Estes eram os brindes que o flamengo fazia á cidade; mas ella lhe respondia muito á portugêsa, porque recebendo tão pouco damno da chuva das suas balas como se fosse de agua, a nossa o executava nelles tão verdadeiro como de fogo e ferro. Elles brindavam á nossa saude e nós á sua morte.

Entretanto preparava-se na Europa a armada, que sob o commando do Conde da Torre, e com forças de Portugal e Castella se destinava a recuperar Pernambuco. Foi demorada a viagem e, maltratados os barcos do mar e as guarnições das febres de Cabo Verde, onde a divisão portugêsa permanecera algum tempo á espera da outra que vinha dos portos hespanhoes, passou em frente de Pernambuco, sem atacar os hollandêses, e entrou desmantelada na Bahia, a 23 de janeiro de 39. Lá se deteve longos menses, até se concertarem os navios e refazerem as tropas. Só em outubro estava prompta para sair a combate. A fim de celebrar condignamente a jornada, de que se esperava a victoria, repetiu-se passados vinte e sete dias da festa de Santa Cruz esta mesma commemoração, justificada como invocação do nome primeiro da terra. Ficou-se chamando a solemnidade realizada a festa dos soldados. A Vieira coube prégar, pela importancia que tinham os jesuitas no Estado, e como de entre elles o mais afamado no pulpito.

No discurso avulta uma nota de interesse para a psychologia do orador. Ia numerosa na esquadra a fidalguia dos dois reinos; muitos nomes illustres de Portugal e Castella figuravam no rol dos voluntarios; a esse escol Vieira queima incenso de que só um fumo tenue distribue aos soldados plebeus. «Ser illustre quem vai á guerra — diz — é levar metade da victoria ganhada; mal sabe vencer quem não sabe dar o sangue, e mal o pode dar quem o não tem¹». Lembra que na prisão e morte de Christo fugiram os discipulos, e Magdalena animosamente o seguiu até á morte, e a razão vai da-la em seguida.

Mas d'onde tanta differença de doze homens a uma mulher? D'onde tanto animo em uma mulher e tão pouco valor em tantos homens? Ide ás choupanas da Galiléa e ao castello de Betania, e ahi achareis o d'onde. A Magdalena, ainda que mulher e uma, era de illustre solar e senhora; os discipulos, posto que homens e muitos, eram plebeus e sem nobreza, e onde houve esta ou faltou, ali se luziu ou se perdeu o valor.

Entretanto, e em seguida a dizer que *não está o valor nos braços, está nas veias*, concede que *para ser valoroso como Alexandre não é necessario ser filho de Filipe de Macedonia*. O arado tambem foi escola de heroes; Viriato antes do bastão de commando meneava o cajado de pastor. E' todavia mais certo encontrar-se o valor na nobreza. «O que não é nobre pode ser valoroso, o nobre tem obrigação de o ser: e vai muito do que posso por liberdade ao que devo por natureza».

¹ *Sermões*, T. 10.º, 1856, pag. 197 e seg., T. 6.º da 1.ª ed. pag. 326.

Este menospreço do sangue humilde era corrente na época e em nada o orador offendia o sentimento commum, tão arreigado que todos, em obediencia a elle, buscavam sair da sua classe. Os simples nobres pretendiam a fidalgos; a gente da classe media passava-se aos nobres; quasi todas as profissões liberaes, e grande numero de officios publicos davam jus á nobreza; afinal poucos, alem dos mecanicos e povo mofino, ficavam excluidos da distincção. Era vulgar confundir-se a nobreza com a fidalguia; assim Vieira, que dizia seu pai, moço da Camara, fidalgo da casa de El-Rei. Isto alargava por demais o ambito em que o prégador localizava o heroismo. Elle queria no entanto restringi-lo na occasião; certamente por orgulho da ascendencia que se arrogava; em parte tambem acaso porque em seu espirito actuassem os preceitos da Companhia, sobre o apreço em que se devem ter os poderosos. Fidalga estirpe, fortuna e honras na familia são dotes recommendaveis na escolha do Geral. Convem possuir a benevolencia dos grandes; d'ella depende muito a salvação das almas e o serviço de Deus¹. E o caso era d'esses; pois se rendia preito aos fidalgos que iam a expulsar do Brasil os hereges; ao menos limitar-lhes as conquistas, e desembaraçar a capital da permanente ameaça em que a tinham. Mal correspondeu o exito á expectativa; a armada, com cujo poder se cuidava amedrontar o inimigo, esboçou um desembarque na costa, bateu-se sem vantagem, e dispersou, seguindo a maior parte no rumo das Indias de Castella. No sermão do Rosario Vieira narra desconsolado a historia d'essa infeliz expedição, que chegando ao Brasil não accommetteu o inimigo imprevisito por ir desmantelada, e saindo o não pôde destruir porque lh'o não consentiram as correntes do oceano, se não foi a impericia dos pilotos.

Cobriu enfim ou assombrou esses mares aquella multidão confusa de torres navaes, composta de oitenta e sete vasos, muitos de extraordinaria grandeza, armada de dois mil e quatrocentos canhões, e animada de quatorze mil europeus, numero que o Oceano austral jámais tinha contado nem ouvido. Quem duvidou então ou poderia imaginar que não navegava ali a victoria segura, pois bastou a vista só de tão magnifico e estrondoso apparatus para o inimigo desconfiado pactear em terra e grangear com dadivas a graça dos seus mesmos rendidos? Mas, ó juizos e conselhos occultos da providencia ou ira divina! Victoriosas sempre sem controversia as duas armadas em quatro combates successivos na parte superior das ondas; furtadas porém as mesmas ondas pela parte inferior, e como minadas as naus pelo fundo e pelas quilhas, de tal sorte as arrancou do sitio já ganhado a furia das correntes, que por mais que forcejaram pelo recobrar nunca lhe foi possível. Assim vencido da sua propria victoria aquelle grande poder, e fugindo sem fugir (porque fugia o mar em que navegava) podendo mais a desgraça que o valor, a natureza que a arte e a força do destino que a dos braços, perderam os derrotados e tristes conquistadores o mar, perderam a terra, perderam a empresa, perderam a esperança, e nós que nelles a tinhamos fundado tambem a perdemos².

¹ *Constit. Societ. Jesu*, P. 9.^a Cap. II. Decl. C. Trata das condições a que deve satisfazer a pessoa eleita: «Externa censetur nobilitas, divitiae, quas in seculo habuit, honor et familia. Et horum coeteris paribus, aliqua ratio est habenda; alia tamen majoris momenti sunt, quae quanvis haec desint, ad electionem possint sufficere». P. 10.^a Decl. B. Do modo como se pode conservar e augmentar a boa situação da Sociedade: «In primis conservetur benevolentia Sedis apostolicae... deinde principum secularium et magnatum ac primariae auctoritatis hominum; quorum favor aut alienatio animi multum facit ut ostium divini servitio et bono animarum aperiat vel praecludatur.»

² Sermão 12.^o da serie Maria Rosa mystica, *Sermões*, T. 14.^c, 1857, pag. 359. Sem data, plausivelmente de maio de 1640. T. 9.^o da 1.^a ed. pag. 422.

Deus não quer a restauração do Brasil, bradava já o orador desanimado. A muitos acudia a ideia que valia a pena deixar Pernambuco *já perdido* — diziam — aos hollandêses, para se poder conservar a Bahia. Vieira faz menção d'isso, e pela primeira vez pronuncia o dilemma sobre o qual ha de poderosamente argumentar annos depois. Ceder Pernambuco ou toma-lo pelas armas. Por emquanto não escolhe; fique porêem notado o dizer serem do voto de se abandonar o territorio em poder do inimigo *os que dis-correm prudentemente*. Sem duvida o primeiro germen do celebre *Papel forte* de 1648 surdiu então no seu cerebro.

Depois das esperanças fundadas na armada saída em novembro, a situação era tragica. O contra ataque não tardara, e o almirante Lichthardt fôra com vinte navios devastar a costa, na vizinhança da Bahia. Achava-se a cidade em perigo; nos arredores as pequenas povoações e os engenhos destruidos; os assaltantes não davam quartel, só as mulheres e crianças eram poupadas. Na população o temor levava ao desanimo. Em todas as igrejas se faziam preces, a implorar a protecção divina. Cada dia um orador exhortava o povo á constancia no soffrer e á fé no amparo celeste. No dia em que lhe tocou subir ao pulpito, Vieira proferiu o que foi de certo o mais notavel de seus discursos, o que se guarda nas anthologias, e se tem gabado como mais eloquente e a obra prima do seu genio. Alguns estrangeiros o admiram; os bons julgadores não lhe dão comtudo a primazia. O que nelle surprehende é a vehemencia, nunca talvez igualada no pulpito; mas o artificio da traça é patente, e para nós, que o consideramos a frio, prejudica-lhe o effeito o rebuscado dos meios. Não assim o publico que a elle assistia no momento de angustia em que foi recitado. Do orador pode-se arguir que por detraz do artificio existia a sinceridade. Era feitio seu pessoal, da escola e da epoca. Buscava um triumpho oratorio, não ha duvida; a vaidade era um de seus muitos pontos fracos; mas é certo que elle nas prosopopeias traduzia um sentimento intimo, profundo e verdadeiro, que tinha em commum com os ouvintes, o amor da terra e da raça, que por sua voz falava em tom estranho e audaz.

Levantai-vos, porque dormis, Senhor? Por taes palavras começa a oração. São do psalmo 43 de David, que constitue o thema, e cujo texto, com a liberdade em que é vezeiro, applica a Portugal ¹.

Ouvimos (começa o Propheta) a nossos pais, lemos nas nossas historias, ainda os mais velhos viram, em parte com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, que por meio dos portuguezes obrou em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor. Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações barbaras, bellicosas e indomitas, e as despojou do dominio de suas proprias terras, para nellas os plantar, como plantou, com tão bem fundadas raizes; e para nellas os dilatar, como dilatou e estendeu em todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. Porque não foi a força de seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuiram, e as gentes e reis que avassallaram, senão a virtude de vossa dextra omnipotente, e a luz e o premio supremo de vosso beneplacito, com que nelles vos agradastes e d'elles vos servistes.

Cada periodo precedido do texto latino da versão biblica, que martelado no ouvido, meramente pela impressão acustica, sem sentido para muitos,

¹ *Sermões*, T. 1.º pag. 1854, 5, e seg., T. 3.º da 1.ª ed. pag. 467.

augmentava a solemnidade e o pavor do momento. Até ali, dizia o orador, a memoria das felicidades; em seguida o propheta enumera as desditas presentes.

Porém agora, Senhor, vemos isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneaes como d'antes os nossos exercitos. Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por fracos mas por castigados fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoute de vossa justiça justo é que lhe demos as costas) e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor são agora roubo da sua cubiça. Os velhos, as mulheres, os meninos, que não teem forças nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que podem escapar á morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a patria. Não fôra tanto para sentir se perdidas fazendas e vidas se salvara ao menos a honra; mas tambem esta a passos contados se vai perdendo; e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos annaes da fama, já o herege insolente com as victorias o affronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

Tudo isto não era mais que a versão e amplificação do texto de David, habilmente aproveitado nas circumstancias. Adiante, em um cumulo de arrojo, annuncia á Divindade que sairá do sermão arrependida. Porque — sustenta o orador — os herejes, insolentes com os successos prosperos, hão de dizer, dizem já, que é sua religião a verdadeira, e a catholica falsa; por isso os ajuda Deus. E o que dirá o *tapuia barbaro*, o *indio inconstante*, o *ethiope boçal*? Dirão da mesma forma ser verdadeira a fé dos hollandêses, e de tal convictos se passarão a elles. Em outro passo queixa-se de ter Deus concedido aos portuguezes tantos dominios para em seguida lhos tirar. Se havia de ser essa a paga dos serviços feitos por elles á fé, *para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas conquistas*? Mas a parte magistral é o quadro do que o Brasil virá a ser quando os hollandêses se tornem senhores do paiz. Então soará a hora do arrependimento divino.

Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custodia em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os calices e vasos sagrados e applica-los-hão a suas nefandas embriaguêses; derribarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deforma-las-hão a cutiladas e mete-las-hão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria... Emfim, Senhor, despojados assim os templos e derribados os altares, acabar-se-á no Brasil a christandade catholica; acabar-se-á o culto divino; nascerá herva nas igrejas como nos campos; não haverá quem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso nascimento; passará a quaresma e a semana santa e não se celebrarão os mysterios da vossa paixão.

Continuando o quadro do que serão os templos sem missas, sem altares, sem sacerdotes, prégando-se nos pulpitos os erros de Luthero e de Calvino, remata então por exclamar: «Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender!»! Se o Christo pendente da cruz entre os lumes, que eram como que os votos dos fieis subindo para elle, o não ouvia, o effeito devia ser grande no auditorio; a fama de extraordinario orador ficou-lhe para sempre estabelecida.

A quem estuda a pessoa moral de Vieira mais do que os seus dotes literarios, não passará despercebido o ponto em que se occupa das responsabilidades da situação. Os males, que os patriotas extremes tinham por conse-

quencia do dominio estranho, incapaz e maléfico, para elle eram accidentes em que nada podia a vontade dos homens. «Não havia de ser assim (dizem) se vivera um D. Manoel, um D. João III, ou a fatalidade não sepultara com elle os reis portuguezes». Aqui mostra o engano, e traz em soccorro dos Filipes a prophesia de Ourique, que o patriotismo inventara contra elles. Tinha Deus declarado, na fundação de Portugal, que o reino era seu: *Quero fundar em ti o meu imperio*. Deus é o rei, e é quem manda e governa. «Elle que não se muda é o que causa esta differença, e não os reis que se mudaram».

O Eterno pareceu attender á objurgatoria do Jesuita. Lichthardt afastou-se sem acommetter a cidade e, poucos menses volvidos, podia elle expôr com jubilo a seus ouvintes quanto a face das cousas havia mudado. Prégando a 6 de janeiro de 1641 fazia o balanço das operações bellicas do anno anterior ¹.

Em janeiro a armada derrotada, tantos mil homens, tantos gastos, tantos apparatus de guerra perdidos. Em abril a armada hollandêsa na Bahia com grandes intentos, mas com maiores temores nossos; não nos esqueçamos, que bem nos vimos os rostos. Em junho o Rio Real occupado pelo inimigo, os campos e os gados quasi senhoreados, e as esperanças de os recuperar não quasi, senão de todo perdidas. Porém de 20 de junho por diante, assim como o sol naquella dia deu volta sobre o tropico de Cancer, assim virou tambem a folha nossa fortuna, e começaram dentro da do mesmo anno a responder felicidades a infortunios. Em agosto vencido o inimigo nos campos com aquella tão bem afortunada victoria, onde com a morte de um só soldado nosso de mais de trezentos hollandêses apenas escaparam sete. Em setembro recuperado o Rio Real e desalojado o inimigo á força de nossas armas e do desengano de seus designios. Em outubro (que cada mês parece que tomou á sua conta um bom successo e este muitos) em outubro os intentos do hollandês no Camamu reprimidos; os temores do gentio nos Ilhéos socogados e sobretudo a gloriosa victoria do Espírito Santo, mais alcançada com o poder de sua graça que com as forças da natureza. Em novembro o incendio das canas e assolação dos engenhos de Pernambuco; terrível guerra e a que mais desespera ao inimigo. Em dezembro, embaixadores do mesmo neste porto a pedir trégoas, a offerecer partidos, a reconhecer a superioridade de nossas armas, de que pouco antes tanto zombavam.

A transformação dera-se desde que á Bahia tinha chegado o novo governador, Marquês de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas, que trazia então o titulo de Vice-rei. O recebimento por parte da população parece não foi entusiasta; os desastres successivos, o perpetuo temor da invasão, introduzia-lhe a desconfiança dos salvadores que mandava a metropole. Vieira, pelo contrario, acolhe-o com brados de alegria, exalta-lhe os merecimentos, prognostica-lhe governo glorioso. «Alegra-te, enfermo genero humano—diz no sermão da Visitação prégado em honra do Marquês ²—alegra-te e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o sol da justiça e te trará a saude nas asas.» Dá excusas da recepção modesta, de que elle poderia magoar-se: «Como levantaria arcos triumphaes a cabeça de uma provincia vencida, assolada, queimada e de tantas maneiras consumida? Prudente se mostrou em suas alegrias esta cidade por não desmentir seu estado.» Mostra-lhe o difficuloso da tarefa nas condições em que o paiz se encontra. «Aconteceu-lhe a V. Ex.^a com

¹ Sermão dos Reis em 1641. *Sermões*, T. 7.^o, 1855, pag. 355 e seg., T. 15.^o da 1.^a ed. pag. 1.

² *Sermões*, T. 10.^o, 1856, pag. 303 e seg., T. 6.^o da 1.^a ed. pag. 386. Impresso avulso em 1646.

o Brasil o que a Christo com o Lazaro; chamaram-no para curar um enfermo, e quando chegou foi-lhe necessario resuscitar um morto». Descreve o que tinha sido a direcção das campanhas: quatro generaes seguidamente commandaram desde a perda de Pernambuco, e «nenhum governou a guerra que a não entregasse a seu successor em peor estado do que a recebera». Entretanto não faltara quem na cõrte allegasse serviços e requeresse as mercês correspondentes. «Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brasil, se aquellas ruinas de façanhas em papel foram conformes a seus originaes, que mais queriamos nós? Já não houvera Hollanda, nem França, nem Turquia; todo o mundo fôra nosso».

Depois, passando ao que propriamente pertencia ao governo na Europa, indigna-se de não receberem castigo os culpados dos desastres¹; os holandeses vencedores tinham degolado a dois commandantes, e enforcado a outros mais; entre nós «em onze annos de guerra continua e infeliz, onde houve tantas rotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado que com a vida o pagasse». Justiça, justiça punitiva que castiga os maus, justiça distributiva que premeia os bons, eis o que elle pede; da falta d'ella é que o Brasil padece, essa é a origem dos males todos, isso o que o novo governo remediará.

Toda esta parte do discurso é para se transcrever como satira vehemente do que era no tempo a administração da colonia. Paginas a fio parecem da *Arte de furtar*, que se havia de attribuir ao prégador mais tarde, antes que de uma oração do pulpito. «Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em boa palavra) porque alguns ministros de Sua Magestade não vem cá buscar o nosso bem, vem buscar os nossos bens». E mais adiante: «Muito deu em seu tempo Pernambuco, muito deu e dá hoje a Bahia, e nada se logra, porque o que se tira do Brasil tira-se ao Brasil; o Brasil o dá, Portugal o leva». E conclue formulando o voto: «Tudo o que der a Bahia para a Bahia ha de ser; tudo o que se tirar do Brasil com o Brasil se ha de gastar». Os males eram os mesmos já antes d'elle apontados por Frei Vicente Salvador, na *Historia do Brasil* que deixou manuscripta, quando diz que, após D. João III não houve outro rei que do Brasil curasse *senão para receber suas rendas e direitos*; e depois de Vieira, por Gregorio de Matos nos seus versos chocarreiros:

... os brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manterem
Maganos de Portugal;

ambos os escriptores bahianos, ambos, postoque em periodos diversos, coévos do prégador².

Sem embargo, deviam os jesuitas ter grandes agravos do Conde da Torre, antecedente governador, para um d'elles assim romper em tão serias accusações. De toda a maneira é certo que estas correspondiam á consciencia do povo do Estado. O Marquês de Montalvão era provavelmente addicto reconhecido da Companhia, que como tal o recebeu; quando menos passou a se-lo d'ahi em diante, segundo os acontecimentos mostraram. Elle da sua parte

¹ Estava-se em junho, e só a 22 do mês seguinte Filipe IV assignou o decreto, que privava o Conde da Torre do titulo e commendas, e o mandava prender na torre de S. Julião.

² Citações da *Historia da literatura brasileira* de José Verissimo, 1916, pag. 61 e 96.

não conseguia captar as boas graças dos procures da colonia; talvez por tentar reprimir abusos dos que Vieira denunciara, e os inimigos assim seriam muitos; talvez porque um partido adverso aos jesuitas o considerava factor de represalias por elles inspiradas. O Marquês saiu da Bahia preso, suspeito e injuriado; a amizade dos jesuitas não lhe valeu então. E havia de trazer-lhe isso a Restauração que elle, sem um instante de duvida, proclamara quando soube que havia em Lisboa rei português.

Foi tradição muito favoneada dos jesuitas, que a noticia da aclamação de D. João IV chegou por milagre á India, Brasil e logares de Africa no proprio dia 1 de dezembro de 1640. Evidentemente, a Bahia foi excluida do prodigio. Mais de um mês passado, na festa de Reis do anno seguinte, Antonio Vieira, prégado no Collegio em presença do Vice-rei, applaudia a resolução que o *invictissimo monarca Filipe IV o Grande* — em taes palavras se lhe referia ¹ — havia tomado de ir pessoalmente á Catalunha combater os revoltosos, e lhe vaticinava por ella a victoria. No exordio allude á cerimonia da entrega de um cirio ao Marquês, como representando ao mesmo Filipe, *legitimo herdeiro* — dizia — de D. Sebastião, a quem a Companhia votara esta offerta annual, em agradecimento pelas rendas com que por elle fôra dotado o Collegio da Bahia e mais sete do Brasil. E tocando no assumpto, mais uma vez aproveitava o aso de desfechar um dardo aos sebastianistas, adversarios de Castella. Invocando o Bandarra, esperavam elles a volta do Encoberto em 1640 ². Vieira mostrava-lhes o inane da sua chimera e, notando que Felipe IV com o sangue e a corôa tinha herdado de D. Sebastião o affecto aos jesuitas, insistia: «Herdou, disse, e quem diz herança suppõe verdadeira morte». A mesma offerta do cirio apagado, a seu juizo «mais era cerimonia de defunto que reconhecimento de vivo». O anno fatal dos prognosticos terminara sem o *Encoberto* se manifestar. «Viva pois o santo e piedoso rei, (que já é passado o anno de 40) viva e reine eternamente com Deus, e sustente-nos desde o céo, com suas orações, o reino que com seu demasiado valor nos perdeu na terra» ³. Assim concluiu o exordio. O golpe feria no vivo; derrotava imaginações vãs dos patriotas, e marcava a posição de Vieira ao lado do existente, contra elles, na qual todavia não tinha de persistir muito tempo.

Se os crentes se não deixaram abalar pelas razões do prégador, certo foi grande entre elles a confusão quando, passados dias, chegou da Europa

¹ *Sermões*, T.º 7.º, cit., pag. 381.

² E' á trova que resa:

Já o tempo desejado
E' chegado
Segundo o firmal assenta
Já se cerram os quarenta
Que se inventa
Por um doutor já passado.
O rei novo é alevantado,
Já dá brado,
Já assoma a sua bandeira
Contra a grifa parideira,*
Lá gomeira
Que taes prados tem gostado.

³ Ibid. Pag. 356.

* Castella, segundo os interpretes sebastianistas.

uma caravela, com a notícia da revolução libertadora, e da aclamação do novo rei. Confuso talvez igualmente ficou Vieira, recordando as louvaminhas a Filipe IV, em publico, quando já da frente lhe tinha resvalado a corôa portuguesa. Mas lhe aquietou a consciencia sem duvida o reflectir que tão refalsado elle proprio seria, prestando a homenagem, quanto, em recebe-la pelo soberano intruso, o Vice-rei. Um e outro, sem titubeios, adheriram á situação nova. Os jesuitas todos da mesma forma. Para levar ao Rio de Janeiro a boa nova a Salvador Corrêa de Sá, governador, foi mandado o Provincial. Entre elles e o Marquês de Montalvão existiam laços intimos de sympathia.

O sermão do dia de Reis fôra um panegyrico da sua administração, e tinha por objecto acima de tudo pôr de manifesto que a guerra com os hollandêses, chegado elle ao Brasil, entrara na phase da victoria. Um mathematico, presumivelmente da Companhia, fazia notar que o Marquês chegara ao Brasil a 20 de junho, que nesse dia entra o sol no tropico do Cancro, e começam no hemispherio austral os dias a crescer.¹ «Fez pois juizo que da mesma maneira — o orador referia — com a entrada de Sua Excellencia se acabavam os minguantes da nossa fortuna». O céo dera a mão á astrologia detendo o Marquês no mar, mais que o usual das viagens, para dar motivo ao prognostico; argumentos estes, que sem collidirem com a sciencia da epoca, lisonjeavam a vaidade do Marquês. Não nos admiremos pois de que elle, mandando seu filho, D. Fernando Mascarenhas, a Lisboa, levar a sua adhesão e a do Estado a D. João IV, lhe desse por companheiros a dois membros da Companhia de Jesus: Antonio Vieira, que sobre ser quem tantos louvores lhe rendera, tão capaz se mostrava em julgar os negocios publicos — e é muito de crer que como tal o recommendasse ao novo monarca — e outro joven religioso, também luminar da Sociedade, o Padre Simão de Vasconcellos, que havia de ser o seu afamado chronista.

A 27 de fevereiro Vieira deixou a Bahia, quasi sua patria, que só quarenta e um annos mais tarde tornaria a ver, para então nella terminar a sua carreira e a vida. A viagem, de começo venturosa, foi quasi no fim perturbada por valente temporal. Esteve a nau a ponto de sossobrar; já fazendo agua, foi necessario allivia-la do batel, da artilharia, da aguada. E' de crêr ficasse também maltratada na mastreação e velame, porque em divizando a costa, não procurou a barra de Lisboa, e aportou como logar mais proximo a Peniche. Era aos 28 de abril. Ahi esperava os passageiros outra tempestade, a da furia popular. Espalhando-se voz que entre elles se achava um dos Montalvões, dos quaes dois se tinham bandeado com Castella, e a mãe se achava presa por suspeita de traição no Castello de Arraiolos, a gente da villa, tendo também a este por traidor, aggreuiu-o ao desembarcar e tentou mata-lo. Acudiu a tempo o governador da praça, Conde de Atouguia, que o recolheu em sua casa prisioneiro. Presos ficaram também os dois padres, até que no dia seguinte, desfeitas as desconfianças, partiram todos para Lisboa.

Recebido pelo Rei, devia ser D. Fernando acompanhado dos jesuitas, cuja presença não podia ser displicente áquelle, sabendo quanto em seu favor havia feito a Ordem. A missão a que estes vinham era testemunho dos servi-

¹ Varnhagen diz que o Marquês de Montalvão tomou posse do governo a 5 de junho. (*Historia geral do Brazil*, T. 1.º, pag. 586, e *Historia das lutas com os hollandezes no Brazil*, ed. de Lisboa, 1872, pag. 213). Mas neste ponto, e a seis mêses de distancia, o Padre Antonio Vieira não se podia enganar. Talvez o historiador lêsse mal, e a data seja 5 de julho.

ços que quando da aclamação já teriam prestado no Brasil. Supposto o feitiço de Vieira, seu arrojo natural, sua loquacidade, o apreço em que tinha a própria pessoa, não será temerário imaginar que logo tomou a palavra, e que esta, fluente e persuasiva, captivou com seu encanto o monarca. Nada tal lhe fazia antever quando em janeiro na Bahia celebrava acções do *invictissimo Filipe IV o Grande*, no que aliás não via desprimor, pois nunca eliminou o trecho do rascunho que guardava do sermão. Este todavia não foi incluído entre os que deu á imprensa em sua vida, talvez mesmo por causa d'essa passagem¹. Na audiência, que foi a 30 de abril, começou de nascer a afeição de D. João IV pelo Jesuíta; tão firme que jamais intrigas de emulos conseguiram arruina-la, tão preciosa que quando a rompeu a morte, o objecto d'ella com não menos se contentava que de ressuscitar o amigo desaparecido.

DOCUMENTOS.

Assento de baptismo².

Aos 15 deste fevereiro de 608 baptisei eu Jorge perdigão cura a Antonio filho de Christovão Vieira Ravasco escrívão das devassas e de sua molher M.^a Dazevedo. Padrinho he somente Fernão Telles de Menezes.

Investigação de sangue pelo Santo Officio.

Deprecada da Inquisição de Coimbra.

Os Inquisidores apostolicos contra a heretica pravidade e apostasia nesta cidade de Coimbra e seu districto. Fazemos saber aos muito illustres Senhores Inquisidores da Inquisição e districto de Lisboa que nesta Mesa se pretende saber averiguadamente da limpeza de sangue e geração do Padre Antonio Vieira, religioso professo da Companhia de Jesus, natural d'essa cidade de Lisboa da Rua dos Conegos freguesia da Sé, e diz ser filho de Christovão Vieira Ravasco fidalgo da casa de S. M., natural da villa de Santarem e Dona Maria de Azevedo natural da cidade de Lisboa, moradora na cidade da Bahia, e neto por via paterna de Balthasar Vieira Ravasco natural e morador da villa de Moura, e não sabe o nome da Avó, e por via materna neto de Braz Fernandes de Azevedo, homem nobre natural e morador d'essa mesma cidade de Lisboa, e não sabe o nome da Avó, nem em que freguesia foram moradores, pelo que requeremos a V. M.^{ces} da parte da Santa Sé Apostolica, e da nossa pedimos por mercê que sendo-lhe esta dada mandem V. M.^{ces} vir perante si até oito ou dez pessoas, que melhor possam dar razão dos sobreditos Antonio Vieira e seus avós, e as perguntarão na forma do estilo do Santo Officio, e o serão pelos interrogatorios seguintes: 1.^o Se sabe ou suspeita o para que é chamado, e se lhe disse alguma pessoa que sendo perguntado por parte do Santo Officio dissesse mais ou menos do que soubesse e passasse na verdade; 2.^o Se conhece ao Padre Antonio Vieira religioso professo da Companhia de Jesus natural da cidade de Lisboa, de que tempo a esta parte o conhece, e que razão tem de conhecimento e se sabe de onde é natural; 3.^o Se conheceu ou teve noticia de Christovão Vieira Ravasco e de Dona Maria de Azevedo, pais do dito Padre Antonio Vieira, de que tempo a esta parte os conheceu ou d'elles teve noticia, e que razão tem de conhecimento, e se sabe de onde foram naturaes ou moradores; 4.^o se conheceu ou teve noticia de

¹ Está no T. 15.^o, sómente publicado em 1748 pelo Padre André de Barros.

² Do livro respectivo da freguesia da Sé. Por communicação obsequiosa do illustre academico Snr. Pedro de Azevedo.

Balthasar Vieira Ravasco e da mulher d'este, avós paternos do dito Padre Antonio Vieira, e se sabe como se chamava a avó paterna do dito Padre, e de que tempo a esta parte os conheceram ou d'elles teve noticia, e que razão tem de conhecimento, e se sabe de onde foram naturaes e moradores. 5.º Se conheceu ou teve noticia de Braz Fernandes de Azevedo, natural e morador da cidade de Lisboa e da mulher d'este, e se sabe como se esta se chamava, avós paternos do dito Padre Antonio Vieira, de que tempo a esta parte os conheceu ou d'elles teve noticia, e que razão tem de conhecimento ou noticia e de que tempo a esta parte, e se sabe de onde foram naturaes e moradores. 6.º Se sabe que o dito Padre Antonio Vieira seja filho e neto legitimo de pais e avós, paternos e maternos, acima nomeados, e se por tal é tido e havido, e communmente reputado. 7.º Se sabe que o dito Padre Antonio Vieira, seus pais e avós paternos e maternos acima nomeados, todos e cada um d'elles sejam inteiros e legitimos christãos velhos de limpo sangue e geração, sem raça nem descendencia de judeu, christão novo, mouro, ou de outra infecta nação, e se por legitimos christãos velhos foram sempre tidos e havidos, e communmente reputados, sem do contrario haver fama ou rumor algum; ou se pelo contrario tem parte de christãos novos ou de outra nação infecta, quanta é, e porque via, e se de a terem houve fama ou rumor, de que causa se originou, de que tempo a esta parte teve principio, e entre que pessoas corre, e que razão tem elle testemunha de o saber. 8.º E se tudo o que tem testemunhado é publico de voz e fama. E feita esta diligencia com a brevidade possivel com a mesma nos será enviada a propria. Com esta dada em Coimbra no Santo Officio sob nossos signaes e sello d'elle, aos sete dias do mês de junho Simão Nogueira a fez, de mil e seiscentos e sessenta e seis annos. — Alexandre da Silva — Manoel Pimentel de Sousa — Manoel de Moura¹.

Depoimentos.

D. Francisca de Castro, viuva de Fernão Telles de Meneses, primeiro Conde de Unhão, moradora em Santarem:

... Disse que não tinha conhecimento dos pais do dito Padre Antonio Vieira, sómente ouviu dizer por vezes ao Conde Fernão Telles, seu marido, que Balthasar Vieira Ravasco, avô paterno do dito Padre Antonio Vieira, fôra criado do avô do dito Conde Fernão Telles, homem muito grave, sem d'elle se dizer nunca tivesse raça de mouro, mulato ou judeu, nem de outra infecta nação, mas que o dito Balthasar Vieira Ravasco, avô do dito Religioso, tivera conversação com uma mulata, da qual nasceu um filho, o qual o dito Balthasar Vieira Ravasco mandou para o Brasil, aonde ouviu dizer que casara, e que d'esse matrimonio nascera o Padre Antonio Vieira.

D. Rodrigo de Castro Telles, Conde de Unhão, morador em Santarem:

... Disse que ouvira dizer a sua mãe que Balthasar Vieira Ravasco fôra criado de seu bisavô; e que era homem de bem e honrado, e que governava a casa do dito seu bisavô; e que este dito Balthasar Vieira Ravasco tivera conversação com uma mulata de que houve um filho, que embarcou para o Brasil e lá se disse casara, e que d'este matrimonio nascera o Padre Antonio Vieira. E outro sim disse elle testemunho que escrevendo-lhe um irmão do dito Padre Antonio Vieira, para lhe mandar fazer as diligencias para effeito de elle tomar o habito que El-rei lhe dava, e elle testemunha fôra ter com seu tio Vasco da Silveira, e conforme sua lembrança tambem lhe parece jurou seu tio o Conde de Sabugal, digo general (?) os quaes juraram ser limpo de raça, de mouro, judeu, christão novo, nem de outra infecta nação, só fora de juramento lhe disse seu tio Vasco da Silveira, que o dito irmão do Padre Antonio Vieira, que *o que tinha era alguma cousa de mulato*.

Soror Margarida do Espirito Santo, que antes de religiosa se chamava D. Margarida de Vilhena, no Convento da Annunciada, em Lisboa:

... Disse que conhece o Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, o qual é natural d'esta cidade, e o conhece desde o nascimento, pelo haver criado em casa de Rui Telles pai d'ella testemunha, digo, desde o nascimento do mesmo, e al não disse do interrogatorio... Não sabe nem ouviu que o dito Padre Antonio Vieira tenha raça alguma das conteúdas no interrogatorio, nem ouviu que houvesse fama ou rumor do contrario. Sómente sabe que Balthasar Vieira Ravasco, avô paterno do dito Padre Antonio Vieira, houvera o seu pai Christovão Vieira Ravasco de uma india ou mulata de Vasco da Silveira, avô d'ella testemunha, e não sabe ou ouviu que a recebesse por mulher, nem que esta tivesse raça alguma das que trata o interrogatorio, e que o pai d'ella testemunha lançou de seu serviço o dito Christovão Vieira por se casar mal, não sabe se por a mulher ser pobre, se por ter algum defeito.

¹ Processo 1664 da Inquirição de Coimbra, f.º 774 e seg.

Mendo Affonso Fragoso, homem nobre da governança da villa de Moura, nella natural e morador: :

... Disse que elle conhece ao Padre Antonio Vieira pelo haver ouvido prègar muitas vezes em Lisboa, onde elle testemunha assistiu doze annos, e haverá dez ou onze annos, ou o que na verdade se achar, vindo elle testemunha da cidade de Lisboa a esta villa, a tirar uma inquirição sobre umas demandas que trazia na dita cidade, quando quiz ir para ella lhe disse Lourenço Abril do Pino que folgara de ir a Lisboa, por falar com o Padre Antonio Vieira, por lhe parecer que era seu parente, e indo elle testemunha a Lisboa com o dito negocio, foi buscar ao dito Padre Antonio Vieira ao Collegio de Santo Antão, e ahi falou com elle, e lhe disse que um homem nobre dos principaes de Moura, da familia dos Vieiras, lhe parecia que era seu parente que folgara muito de o saber e de se ver com elle. E o dito Padre Antonio Vieira respondeu a elle testemunha que elle procedia de Moura, mas que não era dos Vieiras senão dos Ravascos, porque um de seus antepassados, ou seu avô ou bisavô, procedia dos Ravascos de Moura, e que esta é a noticia que tem do dito Padre, por elle assim lhe dizer no dito tempo, mas que não sabe de onde será natural.

... Ouviu dizer ao Padre Antonio Rodrigues Ravasco, que é fallecido haverá anno e meio, contando-lhe o que tinha passado com o dito Padre Antonio Vieira, que sua Mãe do dito Padre lhe havia dito que um dos Ravascos desta villa se embarcara desta villa para a Índia, e arribara a não e se ficara nas partes do Brasil, e que d'elle descendia o dito Padre Antonio Vieira.

... Disse que da limpeza de sangue e geração do dito Padre Antonio Vieira não sabe cousa alguma, nem o ouviu dizer; só sabe que se elle descende dos Ravascos de Moura não tem por esta via raça nenhuma de judeu, christão novo e mouro, porquanto sempre ouviu dizer que esta familia era muito limpa de todas as sobreditas raças, e assim é publica voz e fama e o dirão todas.

Mais testemunhas foram inquiridas em Moura, mas nenhuma d'essas pôde dar noticias do Padre Antonio Vieira, ou de parentes seus. O Commissario do Santo Officio, que fez o inquerito, dava conta d'elle ao Tribunal de Lisboa na carta seguinte:

Recebi a carta de V. M^{ces} de 26 do passado e tres do corrente, com a comissão e requiritorio da Inquisição de Coimbra, e logo fiz a diligencia, e se não poude averiguar cousa alguma, nem eu tenho noticia d'estas pessoas mais que haver dito o P.^e Antonio Vieira, alguns annos ha, que seu avô era d'esta villa de Moura, mas nem então nem agora se poude averiguar tal cousa, nem se acha noticia de homem que d'esta villa se fosse que podesse ser seu avô, e assim se pode dar credito ás testemunhas porque o mesmo jurara eu. Nem se pode fazer caso do referimento do Padre Antonio Rodrigues Ravasco do que disse ouvira a sua mãe, porque era homem facil em falar, e se isto fôra verdade alguma noticia houvera de haver. Deus guarde as muito illustres pessoas de V. M^{ces} para augmento e defensão da nossa santa fé catholica. Moura 10 de julho de 1663. — O Commissario *Frei Diogo da Paschoa*.

Dr. Fr. Gabriel de Almeida, Religioso da Ordem de S. Bernardo, e Geral que foi da mesma, Lente de Escripura da Universidade:

... Ouviu dizer vagamente, não sabe a quem, na cidade de Lisboa, haverá vinte ou vinte e tantos annos, não está certo no tempo, mas entende que foi no em que o dito Religioso veio do Estado de Hollanda, onde tinha ido a negocios d'este Reino, que elle tinha parte de nação dos christãos novos, sem dizerem quanta nem por que via, e esta murmuração entende elle testemunha que era nesse tempo procedida de o dito Religioso querer entregue o Estado do Brasil aos hollandêses, e que os judeus viessem para este Reino, e que a respeito d'esta cousa se falava então do modo que tem dito ácerca do dito Religioso. E que não sabe se este rumor, que então havia do dito Religioso era com fundamento ou se era murmuração, porque a este fim não sabe elle determinar, nem tão pouco a que pessoas ouvisse o sobredito. Porém que depois de o dito Religioso ser preso pela Inquisição, e se falar variamente sobre a causa de sua prisão, ouviu elle testemunha dizer tambem vagamente, sem estar lembrada a quem, que elle não fôra preso por christão novo, senão por proposições hereticas, sem lhe declararem que proposições eram; e que não era christão novo em razão de se lhe haver feito diligencia de sangue pelos seus mesmos Religiosos da Companhia, e que ouviu dizer que o dito Religioso era natural de Lisboa e do bairro de Alfama.

... Não sabe a causa porque a dita diligencia de limpeza se lhe fizesse, nem se o foi antes ou depois de ser preso, e só sabe ouvir dizer depois de elle ser preso, que a dita diligencia se fizera.

Interrogatorio.

Perguntas para maior clareza da genealogia do Réo afim de se poder achar mais noticias d'elles:

... Perguntado se era elle declarante lembrado dos nomes, patrias e habitações de seus pais e avós paternos e maternos. Disse que como já referiu nesta Mesa a seu pai chamam Christovão Vieira Ravasco¹, natural da villa de Santarem², e a sua mãe chamam Dona Maria de Azevedo natural da cidade de Lisboa, não sabe de que rua, bairro ou freguesia, moradores na cidade da Bahia de todos os Santos, onde ella falleceu haverá dous annos. E que seu avô paterno chamavam Balthasar Vieira Ravasco que vivia de sua fazenda, natural e morador da villa de Moura, conforme o pai d'elle declarante lhe dizia por muitas vezes, e é já defunto, e de sua avó paterna não tem noticia, nem lhe sabe o nome, patria e habitação, nem se o dito seu avô paterno foi com ella casado ou não, e sómente se lembra ouvir dizer por muitas vezes ao dito seu pae que os mesmos avós paternos d'elle declarante foram casados, sem lhe declarar em que parte morreram³. E que seu avô materno chamaram Braz Fernandes de Azevedo, homem nobre, e de sua avó materna não sabe o nome, nem patria ao certo de ambos, mas entende foram naturaes e moradores da cidade de Lisboa, não sabe em que rua ou freguesia nasceram ou viveram.

... Que o dito seu pai, antes de casar, que seria haverá sessenta annos, não tinha outro officio mais que servir a El-rei nas armadas de soldado e cabo de guerra, que foi em um navio á ilha de Santa Helena, e depois de casado, quando se mandou no anno de seiscentos e nove a Relação para o Brasil, foi o dito seu pai por escrivão dos aggravos d'ella, e depois de extincta a mesma Relação ficou vivendo de sua fazenda na dita cidade da Bahia. E sendo pelos annos de seiscentos e onze veio o dito seu pai a este Reino buscar a elle declarante e a dita sua mãe D. Maria de Azevedo, e os levou comsigo para a mesma cidade da Bahia no anno de 1614, sem para isso haver outra occasião mais que o ser lá o dito officio, e querer viver em companhia da dita sua mulher e d'elle declarante, que até então era o unico filho que elles tinham. E que não sabe em que rua o dito seu pai vivia, quando foi já casado para o Brasil da primeira vez, mas que da segunda, quando veio buscar a elle declarante e á dita sua mãe, viveram todos na freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, no bairro do mosteiro de S. Francisco, em umas casas que ficam perto das do Conde de Villa Franca, e da mesma banda, não sabe de quem eram, nem lhe lembra outra confrontação d'ellas.

... Não sabe nem tem noticia alguma de que tenha tias, primas ou parentes pela via paterna, e só se lembra ouvir por muitas vezes dizer a seu pai que os parentes que tinha eram em Moura da familia dos Ravascos; e tambem ouviu elle declarante dizer na villa de Torres Vedras haverá vinte e trez annos, ao prior de S. Pedro da mesma villa, cujo nome não sabe e só lhe parece lhe chamavam Foão Telles, que era parente d'elle declarante pela via dos ditos Ravascos de Moura, sem lhe declarar em que grau, nem que razão tinha de o saber. E que por parte da dita sua mãe não sabe que tenha neste Reino nem fóra d'elle outro algum parente mais que Gonçalo Serrão de Azevedo, que vivia de sua fazenda e era capitão da infantaria, morador na villa do Fundão ora defunto, do qual ficaram alguns filhos, não sabe quantos, nem como os chamam, moradores na mesma villa, e o dito Gonçalo Serrão de Azevedo era sobrinho da mãe d'elle declarante, filho de uma irmã da mesma, cujo nome e do marido não sabe, nem d'onde ella foi natural e moradora por ser fallecida ha muitos annos.

... Nasceu na Rua dos Conegos, e lhe parece foi no anno de seiscentos e oito, vivendo casados na mesma rua os ditos seus pais. E depois d'isto até o anno de seiscentos e quatorze, no qual tinha seis para sete de idade e partiu para o Brasil, não sabe elle declarante nem tem noticia que vivesse sem a dita sua mãe ou pai em outra parte mais que nas sobreditas casas da freguesia dos Martyres e vizinhança do Conde de Villa Franca.

... Aprendeu a ler e escrever com sua mãe, a qual o tinha sempre tão recolhido nas sobreditas casas que não saía fora d'ellas senão ao dia santo a ouvir missa em companhia da dita sua mãe.

¹ *Fidalgo da casa de Sua Majestade*, disse no primeiro interrogatorio sobre genealogias, a 20 de Outubro de 1663, fls. 16 a 18 do Processo.

² Na primeira parte d'este estudo (*Revista de Historia* T. 5.º pag. 233), onde está: *Christovam Vieira Ravasco era alemtejano de Moura*, deve lêr-se: *Christovam Vieira Ravasco era de Santarem, de origem alemtejano, de Moura*.

³ A isto observou o Inquisidor Alexandre da Silva, que interrogava, não ser crível que Vieira, nem em Lisboa até aos sete annos, idade em que já ha discernimento, nem depois na Bahia, deixasse de perguntar a seus pais, ou de ouvir d'elles alguma vez o nome dos avós, de onde eram naturaes e onde moravam; e d'ahi colligia que houvesse qualquer defeito de sangue que pretendia occultar. (Processo fls. 846) O defeito era a origem escrava da Avó, como dos depoimentos se vê.

Assento do Conselho Geral.

Foram vistos na Mesa do Conselho Geral estes autos e culpas e declarações do Padre Antonio Vieira, Religioso professo da Companhia de Jesus nelles conteúdo, e assentou-se que é bem julgada pelos Inquisidores Ordinário e deputados em determinarem que contra o Réo se deve proceder em sua causa como contra pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo. Mandam que assim se cumpra. Lisboa, 24 de junho de 664. — *Pantaleão Rodrigues Pacheco, Diogo de Sousa, Frei Pedro de Magalhães, Manoel de Magalhães de Meneses, Verissimo de Lancastre.*

Empregos de Christovão Vieira Ravasco.

Eu el Rey faço saber aos que este alvará virem que avendo respeito a boa informação que me foi dada de christovão vieira Ravasco ey por bem e me praz que elle sirva o officio de escrivão das devasas dos pecados publicos desta cidade de lixboa por tempo de dous annos a qual, mercê lhe assi faço em satisfação do alvará que tem de lembrança com declaração que conforme ao procedimento que tiver nelle lhe mandarei despois porogar mais o tempo que for servido pelo que mando ao Regedor da casa da supplicação lhe dee a posse da serventia do dito officio e lhe deixe servir e delle vsar pelo dito tempo de dous annos e haver o selario proes e precalços que lhe directamente pertencerem e elle jura em minha chancelaria aos santos evangelhos que bem e verdadeiramente o sirva guardando em todo a my meu serviço e as partes seu direito e da dita posse se fará asento nas costas deste alvará asinado pelo dito Regedor Antonio Rodrigues de medeiros o fez em lixboa a trinta de setembro de mil seiscentos e seis, e eu pedro sanches farinha o fiz escrever. ¹

Dom felipe, etc., faço saber aos que esta minha carta virem que avendo respeito a ter feito mercê por hum alvará de lembrança passado em nove de setembro de seiscentos e quatro a maria de azevedo filha de bras fernandes que foy meu armeiro por respeito dos serviços do dito seu pay e gonçalo fernandes seu avô de hum officio da justiça ou fazenda que coubesse na pessoa que com ella casase e a ella casar com christovão vieira Ravasco meu moso da camara ey por bem e me praz de fazer mercê ao dito christovão vieira em satisfação do dito alvará de lembrança do officio de escrivão dos agravos e apellações cives da Relação que ora tenho mandado hir ao estado do brasil com o qual averá todos os proes e precalços que directamente lhe pertencerem pelo que mando ao meu governador do dito estado ou ao chanceler da dita Relação ou que em seu cargo servir que constandolhe por certidão nas costas desta de como nos Registos do dito alvará de lembrança ficão postas verbas do conteúdo neste dee ao dito christovam vieira a posse do dito officio e lho deixe servir e delle vsar assy e da maneira que o deve fazer e aver com elle os proes e precalços como dito he sem duvyda nem embargo algum por quanto foi examinado no conselho da India e terras ultramarinas e auido por apto o suficiente, o qual officio elle terá e servirá pela dita maneira em quanto eu ouver por bem e não mandar o contrario com declaração que avendo eu por bem de lho tirar ou extinguir o poderey fazer sem por isso minha fazenda lhe ficar obrygada a satisfação alguma e elle jurará em minha chancelaria aos santos evangelhos que bem e verdadeiramente e as partes seu direito de que se fará asento nas costas desta carta que mando se cumpra como nella se contem e ao asinar dela se rompeo o dito alvará de lembrança a qual, por firmeza disso lhe mandei dar por mym asinada e sellada do meu sello pendente. Sebastian pereira a fez em lixboa a doze de setembro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil seiscentos e oito. Eu o secretario, Antonio Velês de Cimas a fiz escrever. ²

J. LUCIO D'AZEVEDO.

¹ *Archivo Nacional*, Chancellaria de D. Filipe 2º — Livº 16; fol. 209 v.

² *Archivo Nacional*, Chancellaria de D. Filipe 2º — Livº 23, fol. 92 v.